

# C **ombatente**



Trimestral - Edição 395 - março 2021 - 2€

Diretor: Joaquim Chito Rodrigues

[www.ligacombatentes.org](http://www.ligacombatentes.org)



## Liga dos Combatentes **100 Anos de Vida**

Carta Aberta a Faria Affonso

A vida dos Núcleos

Marcelino da Mata





**6** A Dinâmica Associativa e as Políticas da Memória



**10** Carta Aberta a Faria Affonso



**28** O último Combatente da Grande Guerra



**36** O meu Natal na Guerra em Angola no ano de 1961

**Novo Diretor Executivo**

Hélder Freire, ilustre jornalista, foi durante 13 anos Diretor Executivo do COMBATENTE. Os nossos profundos agradecimentos. Não nos vai deixar. Manter-se-á Consultor do Presidente da LC. Neste número acontece apenas uma rendição. Assume a Direção Executiva do COMBATENTE, o Coronel José Geraldo, antigo Diretor do Jornal do Exército e atual Vice-Presidente do Núcleo de Mafra. As nossas felicitações.

**Liga Solidária - Um Euro, Um Lar - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8**

Do antecedente .....	90.038,19€
Abílio Pereira .....	60,00€
António Moita .....	15,00€
Armando Augusto Dias .....	67,18€
Augusto das Neves Oliveira .....	20,00€
Camilo de Oliveira Negrão .....	20,00€
Carlos Rocha .....	50,00€
CXDOL .....	150,00€
Diogo Moisés Costa da Silva .....	70,85€
Donativo de 19-10-2020 .....	100,00€
Donativos na Capela do FBS - 4º Trim. de 2020 .....	165,62€
Eduardo Ribeiro .....	100,00€
Fernando Octávio Ferreira Cosme .....	30,00€
Francisco Cardoso .....	20,00€
Gilberto Ambrósio Baptista .....	50,00€
Ivone Rocha .....	1.050,00€
João Amadeu M. R. P .....	25,00€
Joaquim Inocen. ....	25,00€
Jorge Sousa F. ....	20,00€
M. Lúcia Dias .....	200,00€
M. Mateus Cano .....	50,00€
Manuel Cristovão .....	15,00€
Mário Ascensão Pereira .....	72,63€
Núcleo de Queluz (OUT20) .....	43,00€
Núcleo do Pinhal Novo .....	350,00€
Saldo em 18-02-2021.....	92.854,17€

**NOTA:** Devido à extensão dos donativos, a listagem completa encontra-se no site da Liga dos Combatentes em: [www.ligacombatentes.org](http://www.ligacombatentes.org)



**Proprietário e Editor:**

Liga dos Combatentes  
Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa  
Tel.: 213 468 245 - geral@ligacombatentes.org.pt  
NIPC/NIF 500816905

**Redação:**

Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa

**Diretor:**

Joaquim Chito Rodrigues

**Consultor:**

Hélder Freire

**Conselho Editorial:**

Direção Central

**Diretor Executivo:**

José Geraldo

**Editor (Redação):**

Jorge Henrique Martins

**Copydesk:**

António Porteira

**Fotografia:**

Hugo Gonçalves

**Publicidade:**

Elisabete Caboz  
Tel.: 965 599 991 / 968 452 700

**Secretariado:**

Anabela Rodrigues  
anabelarodrigues@ligacombatentes.org.pt

**Execução gráfica:**

Departamento de Informática LC

**Impressão:**

Lisgráfica, S.A.  
Rua Consiglieri Pedroso, 90  
Casal de Santa Leopoldina - 2730-053 Barcarena  
Tel: 214 345 444

**Expedição:**

Translista, Lda.  
Rua Miguel Bombarda, 9 - Queluz de Baixo 2745-124  
Barcarena - Tel: 214 266 886 - translista@ip.pt

**Tiragem:**

46.000 exemplares

**Depósito Legal:**

210799/04  
ISSN – 223 582  
Nº. ERC – 101 525

**Estatuto Editorial:**

[www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/](http://www.ligacombatentes.org/estatuto-editorial/)

**Capa:** Óleo sobre tela de Sousa Lopes - A volta do herói jurando vingar a morte de um camarada. Museu Militar de Lisboa

# Marcelino



**Joaquim Chito Rodrigues**  
Tenente-General  
Presidente da Direção Central

**M**arcelino da Mata tem um nome. Um nome de guerra que ele próprio adotou como sintetizando a sua verdadeira entidade: Marcelino.

O Marcelino, entre nós, até hoje, o Marcelino da Mata, será, a partir da sua morte, uma lenda viva na memória dos que com ele combateram, conviveram ou julgaram os seus feitos, tornando-o o militar mais condecorado do Exército português. Não constam punições da sua folha de serviços. Será dizia, o Marcelino mais do que da Mata, o Marcelino Comando, ou simplesmente como ele gostava de ser tratado: O Marcelino.

E se ao falarmos do CEP na Grande Guerra, nos vem à memória o soldado Milhais (Milhões), será natural que ao falarmos do Exército na Guerra do Ultramar, nos venha à memória o soldado Marcelino.

Criticar, o julgamento e reconhecimento das suas ações pelos seus sucessivos comandantes, no terreno e nos mais altos níveis, é desculpável por parte de quem, à posteriori, introduz o fator político no julgamento da Guerra do Ultramar, mas difícil de entender quando a crítica surge de quem, como ele, fez a mesma guerra e se sujeitou aos condicionalismos a ela inerentes. Não alimentemos, por isso, como aconteceu entre militares na Grande Guerra, a dicotomia entre “Guerristas” e “não Guerristas”, transformando-a agora numa espécie de antagonismo entre militares “colonialistas” e anticolonialistas. Assumamos que, como militares, fomos protagonistas de uma guerra de guerrilha, defensiva, iniciada em Angola, a qual o poder político de então prolongou, cegamente, nos espaços e no tempo tático e estratégico, ao ponto de a vontade de combater ter dado, naturalmente, lugar à revolução.

Caro Grande Combatente e Comando Marcelino  
Caíste em emboscada violenta, insidiosa e sem tiros que destronou os teus oitenta anos. Respeitando os desejos de tua família a quem apresentámos as nossas mais sentidas condolências, vamos continuar na tua companhia no Talhão do Núcleo de Queluz da Liga dos Combatentes, junto daqueles que como tu, já caídos, tiveram a honra de servir Portugal, nas suas Forças Armadas.

Os feitos militares de quem deixou este mundo, dia 11 de fevereiro de 2021, registado no mundo dos vivos como Marcelino da Mata, Tenente-coronel, do Exército Português, com o vencimento de Capitão, são feitos da maior coragem, bravura e lealdade à Bandeira de Portugal, que jurou servir. Brilhavam no seu peito a Torre Espada, Valor, Lealdade e Mérito e cinco cruces de guerra. Reconhecimento das diferentes e mais altas entidades militares e civis do estado, pelos sucessivos feitos praticados em combate.

A Liga dos Combatentes, que em vida lutou e apoiou os objetivos, do seu membro Honorário Tenente-coronel Marcelino da Mata, alguns deles não atingidos, curva-se perante o Herói soldado que nos deixa.

A Liga dos Combatentes, certamente como acontece com as Forças Armadas Portuguesas está de luto. Morreu mais um dos seus combatentes e este dos mais bravos e corajosos no campo de batalha.

Os que não se quiserem curvar perante este homem soldado, curvem-se perante as insígnias que ele tem ao peito que são a síntese de uma vida humilde, subida a pulso, “entre perigos e guerras esforçado” devendo ser exemplo e merecer o respeito nacional.

Colocou-se no nosso espírito, a Bandeira a meia Haste. No dia 15 de fevereiro foi a enterrar, enquanto o país em situação de emergência, estava confinado e subordinado ao próprio vírus que lhe causou a morte. Terá sido tudo feito para que, com oitenta anos, estivesse protegido?

Presentes no funeral o Presidente da República, Almirante Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e General Chefe do Estado-Maior do Exército.

Os condicionamentos da situação de emergência e de confinamento, impediram as honras militares, a presença de muitos que ali desejaríamos ter estado e da própria entrada no cemitério dos que ali se juntaram e onde sobressaíram os Comandos. O Bispo das Forças Armadas dirigiu a cerimónia religiosa, tendo camaradas Comando feito o elogio fúnebre.

Os restos mortais de Marcelino, após um minuto de silêncio e de um sentido grito “Mama Sumae”, entraram depois no cemitério apenas acompanhados das altas entidades presentes e membros da família.

Paz à sua alma. 🇵🇹

# “A DINÂMICA ASSOCIATIVA E AS POLÍTICAS DA MEMÓRIA”

O confinamento pandémico foi desfeito por vezes adormecidas que nos perturbariam se não fossemos fiéis aos nossos valores históricos, mas que não deixam de nos provocar um sentimento de tristeza, logo seguido de um contido sentimento de revolta. Ainda assim, revolta democrática! A democracia também deixa sobressair as minorias. Também elas têm direito a viver e a falar mesmo que fiquem a falar sozinhas, quando o que dizem não faz sentido para a maioria ou, fazendo, é perigoso para a própria sociedade em que vivem.

Morrem centenas de antigos combatentes anualmente. Do antigo combatente anónimo ao mais conhecido e destacado, a todos a Liga dos Combatentes (LC) acompanha e coloca à disposição da família os talhões dos combatentes espalhados pelos cemitérios do país.

Com a morte de Marcelino da Mata sucedeu o mesmo. Tranquilamente o Núcleo de Queluz onde era sócio, após contacto da família, tratou da sua inumação no nosso talhão no Cemitério de Queluz. Fizemos mais. A pedido e justificação da família, tal como já havíamos feito em vida, a LC apoiou-o, agora, com o pagamento do seu funeral. Acontece que não morrem todos os dias combatentes com uma Torre Espada e cinco Cruzes de Guerra. Não obtidas, como já vi referido, por camarada seu “para que fosse promovido”, mas promovido, por distinção, porque as obtivera por coragem e bravura em combate. Teria tido certamente as honras militares a que tinha direito se não estivéssemos em situação de emergência e confinados. Aliás sou testemunha do interesse imediato, desde que teve conhecimento, do Almirante Silva Ribeiro, CEMGFA, o mais alto responsável das Forças Armadas, em

estar presente quer no velório, se houvesse, quer no funeral.

A não reação das entidades governamentais à morte de um distinguido combatente comando, altamente condecorado, deu origem a diversificadas reações civis e militares e a interrogações dos combatentes, nomeadamente dos combatentes comando, que se fizeram representar significativamente no funeral.

O fator político foi introduzido por algumas vozes, na morte de um combatente ilustre, provocando um conjunto de reações que nem os combatentes mortos merecem, nem os combatentes vivos aceitam. Introduzido o fator político, vem atrás o epíteto divisionista de esquerda e de direita, de extrema-direita e extrema-esquerda, carimbando os combatentes. Leem-se e ouvem-se então as maiores barbaridades democráticas, misturando a análise político-militar, dando ênfase à primeira vertente e minimizando e deturpando a segunda.

Os “ascensos” e os “bas” vão ainda mais longe. Aproveitam e querem tudo destruir para construir um novo mundo, o seu. Não querem memórias do passado. Queriam mais mortos no 25 de Abril. Esquecem-se dos milhões de mortos provocados pelas guerras civis e pelas invasões que lhe sucederam no mundo. Queriam mais! Já não lhes chega a ditadura de Salazar! Invadem a História de Portugal menosprezam-na, não a reconhecem, e querem destruir os seus símbolos.

Mas o mais estranho são pessoas que consideramos responsáveis, e por quem temos consideração, fazerem depoimentos arrepiantes. O Professor Doutor Severiano Teixeira, antigo ministro da Defesa Nacional, declarou ao Expresso que os problemas surgidos com a morte de Marcelino da Mata não são indiferentes à “gestão política da memória”. E afirma “Até aqui a chamada dinâmica associativa dos antigos combatentes foi naturalmente apropriada pela extrema-direita como acontece com (quase todos) os regimes de Países que tiveram guerras coloniais”. “Não são um problema de esquerda nem de direita, são um problema de políticas de memória” (Expresso de 19 de fevereiro 2021, Pág. 13, artigo de Manuela Goucha Soares).

Chegados aqui, respondemos pela centenária LC. Gostaria de perguntar

ao senhor antigo ministro de Defesa Nacional, durante quatro anos, o que fez no apoio aos combatentes para evitar essa “captura” e onde é que viu isso, na LC e, se viu, o que é que fez no apoio à LC para que isso não acontecesse? Se é isso que conclui dos seus alunos universitários quando os manda à LC para fazerem teses sobre a Grande Guerra e Guerra do Ultramar? Ou não conhece o Estatuto da LC, para não evocar o Estatuto de seu pai, a quem está vedado a atividade partidária, política, sindical e ideológica? Ou será que durante a discussão do Estatuto do Combatente, a proposta da LC ao governo e à AR, para que fosse revisto o suplemento especial de pensão dos combatentes, estabelecido na Lei 3/2009, para 50 euros mês, levada a plenário da AR e avocada pelo PCP, tendo sido rejeitada pelo PS, PSD e

CDS é, no seu entender, uma “dinâmica associativa” de extrema-direita? Ou a proposta da LC, para o mesmo Estatuto, para que fosse atribuído aos combatentes com pensão de pobreza o vencimento mínimo, a qual foi avocada e apresentada em plenário pelo Bloco de Esquerda e rejeitada pelo PS, PSD e CDS revelam alguma captura da extrema-direita?

A LC não está capturada, mas está revoltada com o que tem lido, visto e ouvido e com o que vê silenciado, talvez por não ter optado ainda por uma

“dinâmica associativa” de extrema-esquerda... Ou será que o senhor Professor também passou a alinhar no conceito ideológico reacionário e revolucionário de destruição da História para construir o futuro? Sobre essa conceção não lhe conheço qualquer tomada de posição. Acontece que, no mesmo artigo, e secundando as posições atrás referidas, o Prof. Dr. Costa Pinto aprofunda a conceituada “dinâmica” anterior, declarando que “a diferença é que no caso português houve uma “dupla dinâmica” e nos últimos 30 anos sur-

O Presidente Sampaio inaugurou as lápides com cerca de dez mil nomes, incluindo o de dezenas de fuzilados, depois do 25 de Abril (2000)





Padrão dos Descobrimentos, Belém - Lisboa

giram monumentos aos antigos combatentes em todo o país”, lembrando que o antigo Presidente Jorge Sampaio “também esteve presente na inauguração do monumento aos antigos combatentes em Belém (2000). E continua “Agora o que está verdadeiramente em causa é evitar que a memória da Guerra Colonial fique refém da extrema-direita e seja usada com uma bandeira deste setor radical. Figuras como Marcelino da Mata são clássicas em guerras coloniais...”. Será que o abandono por parte dos governos da democracia, será razão necessária e suficiente para conduzir a isso? Ou será que, se o novo conceito reacionário-revolucionário que surgiu à luz do dia, de ignorar e destruir o passado para construir o futuro, vier a tomar conta do poder em Portugal, já estará tudo bem?

Os dois senhores Professores teriam que esquecer a História e a Estratégia, que ensinam nas universidades, para partirem do zero, em direção ao futuro. Gostávamos ainda de esclarecer o

Prof. Costa Pinto, ilustre professor da Universidade Católica, que a segunda dinâmica da “dupla dinâmica” a que se refere, não tem dono. O dono é o povo português. Foi ele, com o apoio de combatentes e autarcas de freguesia, concelho e câmaras municipais, de todos os partidos, PS, PSD, CDS, PCP, BE que ergueram mais de quatrocentos monumentos que não vão conseguir destruir, porque o povo não vai deixar! Apenas mais umas correções.

Não foi há trinta anos, mas há vinte anos (em 2003 havia 52 monumentos) que o povo português decidiu aprofundar a homenagem aos seus. Não foi o Presidente Sampaio, mas sim o Presidente Mário Soares que inaugurou o monumento em Belém (1994). O Presidente Sampaio inaugurou as lápides com cerca de dez mil nomes, incluindo o de dezenas de fuzilados, depois do 25 de Abril (2000).

Os antigos combatentes de hoje são iguais aos antigos combatentes de sempre e aos combatentes de hoje.

Juram, perante a Bandeira Nacional defender a Pátria, mas estão ao serviço da Política vigente, venha ela a revelar-se para a população que governa, boa ou não, e por vezes revoltam-se.

E os cerca de duzentos mil combatentes que militaram ou militam na Liga dos Combatentes sabem, como já referi, que a esta Instituição estão vedadas manifestações partidárias, políticas ou ideológicas e lhes compete estatutariamente, como “instituição Patriótica e Humanitária”, entre outros objetivos, “Promover os Símbolos Nacionais em especial junto da juventude e praticar a solidariedade e o apoio mútuo aos seus membros e famílias”.

Era bom que, quem teve e tem responsabilidades políticas e intelectuais, defendesse o apoio real, moral e material, aos combatentes mais necessitados, em vez de lhes colocar carimbos políticos que não alimentam os que têm fome e pensões de pobreza.

Joaquim Chito Rodrigues, Tenente-General Presidente da Liga dos Combatentes

## Audiência do PR Marcelo Rebelo de Sousa ao presidente da Liga dos Combatentes

O Presidente da República, Prof. Dr. Marcelo Rebelo de Sousa é, por estatuto da Liga dos Combatentes, Presidente de Honra do Conselho Supremo, que é o órgão consultivo do mais alto nível da Liga dos Combatentes para todos os assuntos relacionados com a atuação, funcionamento e organização da Instituição.

O Conselho Supremo tem, pois, como Presidente de Honra o Presidente da República e como vogais honorários o Ministro da Defesa Nacional, o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e os Chefes dos Estados-Maiores dos ramos das Forças Armadas, sendo nesta data os seguintes membros:

**Presidente:**  
Baltazar António de Morais Barroco, TGen

**Secretário:**  
Luís Aires Botelho Moniz de Sousa, Prof. Dr.

**Membros do Conselho Supremo:**  
Artur Neves Pina Monteiro, Gen; Jorge Manuel Brochado de Miranda, Gen PilAv; José Baptista Pereira, TGen; Fernando Luís Pinheiro Moura de Carvalho, TGen PilAv; António Martins Rodrigues, MGen PilAv; Fernando Edgar Perry da Câmara, TGen; Jorge Alberto Gabriel Teixeira, TGen; José Alberto Lopes Carvalheira, VAlm; Aurélio Benito Aleixo Corbal, Gen; Fernando de Sousa Rodrigues, TGen; Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto, TGen e José Luís Leiria Pinto, CAIm.

Em 22 de dezembro de 2020 o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, concedeu uma audiência ao Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues que teve a oportunidade de, em seu nome e em nome da Liga dos Combatentes, apresentar votos de Boas Festas e abordar com o Presidente da Repú-



blica, assuntos de elevado interesse para a causa dos Combatentes e da Liga dos Combatentes em particular. O Tenente-General Chito Rodrigues, representando a Liga dos Combatentes, ofereceu ao Presidente da República um quadro que o pintor Domingos Camponez expôs na exposição inaugurada em 11 de novembro de 2020, na evocação do 102.º Aniversário do Dia do Armistício da Grande Guerra, 99.º Aniversário da fundação da Liga dos Combatentes e 46.º Aniversário do fim da Guerra do Ultramar. Perante este quadro, que representa a carruagem onde foi assinado o Armistício de 11 de Novembro 1918, o Presidente da República mostrou especial apreço e atenção, motivo que levou o Presidente da Liga dos Combatentes a oferecê-lo ao Presidente de Honra do Conselho Supremo da Instituição.



Quadro de Domingos Camponez “Assinatura do Armistício da Grande Guerra”.

Fontes: Site da Liga dos Combatentes e notícias do Museu do Combatente.

# Carta aberta a João Jayme de Faria Affonso

Fundador da Liga dos Combatentes



João Jayme de Faria Affonso

**M**eu Caro João Jayme de Faria Affonso.

Permite que use uma forma mais familiar, Meu Caro João Jayme.

Ao iniciarmos a comemoração do Centenário da Liga dos Combatentes, escrevo-te, não para sublinhar dados marcantes da tua vida, que viveste e bem conheces, mas para te dar conhecimento do que até hoje se passou de assinalável, em especial relacionado contigo, após a tua morte, na organização humanitária e patriótica que fundaste em 1921. Receberás, certamente com gosto, como disse Camões, “se lá no assento etéreo onde subiste/memória desta vida se consente”, algumas informações interessantes, do período que medeia entre a tua passagem a esse mundo etéreo e os nossos dias.

Regozija-te. Começamos este ano a assinalar o centenário da verdadeira Instituição que criaste e vamos fazê-lo de 2021 a 2024, já que tu e os teus camaradas fundadores, embora tivessem feito uma tentativa em 1919, só em 1921 fundaram a Liga dos Combatentes da Grande Guerra (LCGG), promovendo a primeira Assembleia-geral em 16 de outubro de 1923 e só em janeiro de 1924, viriam a ser publicados os seus estatutos, em Diário do Governo.

Gostarás certamente de saber que,

após a tua morte, em 30 de novembro de 1966, as Forças Armadas Portuguesas se bateram ainda, durante mais oito anos, na defesa dos mesmos espaços africanos e asiáticos que os combatentes da Grande Guerra (GG) já haviam defendido. A juntarem-se aos combatentes ainda vivos dessa GG, surgiram, então, os combatentes da Guerra do Ultramar (GU). Daí que a tua LCGG passasse a ter a designação abrangente de Liga dos Combatentes (LC) e integra, já hoje, aqueles que servem as Forças Armadas nas chamadas Operações de Paz e Humanitárias, incluindo os Capacetes Azuis e, de acordo com os seus estatutos, todos os cidadãos que em território nacional cumpram uma missão de segurança em situação de estado de sítio ou de emergência. E, recentemente, estamos cumprindo o 11º estado de emergência face a uma pandemia, tal como te aconteceu e aos restantes combatentes da GG, há precisamente um século, com a pandemia da gripe espanhola. Afinal, a história repete-se...

Falei-te em GU e não posso deixar de te dar uma triste notícia. O teu filho Capitão de Cavalaria Jaime Alvim Faria Affonso, após ter cumprido duas comissões em Angola (tinha já iniciado a segunda quando faleceste), estando a cumprir a terceira, como Comandante do 1º Esquadrão de Cavalaria em Moçambique, faleceu em combate, em 17 de julho de 1970. Numa grande operação a que chamaram «Nó Górdio», depois de escoltar uma coluna de regresso a Miteda, um Panhard AML do 4º pelotão, acionou uma mina anticarro de que resultaram 4 mortos e vários feridos. O Capitão Faria Affonso saiu com uma coluna em seu auxílio, tendo a viatura AML que conduzia, na testa da coluna, acionado outra mina que provocou a morte dos três tripulantes, incluindo o teu filho. Foi condecorado, a título póstumo, com a Cruz de Guerra 1ª Classe e promovido ao posto de Major por distinção.

Meu Caro João Jayme

Em contrapartida, tenho a dizer-te que a tua filha Maria José, nos tem acompanhado ao longo dos anos. Quando assumi a Presidência da LC, promovi um contacto com ela e fizemos sócia da LC, a tua bisneta que recebeu o símbolo e o cartão da LC e, com a sua ainda tenra idade, foi capa da Revista Combatente.

Como deves calcular não nos esqueceremos de ti. Li com atenção o testamento que deixaste escrito. O teu desejo de seres inumado em pé, junto à porta da Cripta do Alto de S. João, foi cumprido, e ali está a lápide vertical assinalando a tua presença. A Cripta, com mais de sete mil restos mortais, está hoje um espaço com grande dignidade e ali repousam entre outros, Costa Gomes, Gomes da Costa, Monteiro Torres e Spínola.

Não posso confirmar-te se terá sido ou não cumprido o teu desejo de teres o teu coração colocado numa das paredes da nossa sede. Não encontro qualquer referência que me confirme se sim, ou não, isso foi realizado. Mas não fiques triste. Nunca saíste desta casa. O teu busto, obra de Leopoldo de Almeida, os teus apetrechos pessoais, aqui continuam a marcar a tua presença.

Mas vou dar-te uma novidade que te deixará certamente satisfeito. No dia 11 de novembro de 2019, em que evocámos o Armistício, evocámos também o centenário da tua primeira intenção de criares a LCGG. Havia sete anos que tínhamos proposto à Câmara Municipal de Lisboa que desse o teu nome a um dos espaços ou vias de Lisboa. Aconteceu em 2019 a concordância por unanimidade, da Assembleia Municipal de Lisboa, em atribuir o nome de Passeio João Jayme de Faria Affonso, a uma via no Jardim da Torre de Belém, precisamente em frente ao Museu do Combatente. Museu que foi instalado no Forte do Bom Sucesso, sob jurisdição da LC, desde que ali foi erguido o Monumento aos Combatentes do



Maria Francisca de Faria Affonso Dantas Martins  
Sócia n.º 150.000 da LC

Ultramar e em cujas lápides também se encontra o nome do teu filho Jaime. Tua filha Maria José assistiu, emocionada, à significativa cerimónia que se seguiu à evocação do Armistício da GG. O teu Busto, colocado no início do Passeio e a Lápide com o nome do teu filho, ali estão, bem perto um do outro, em homenagem a dois combatentes que “a lei da morte não levou”.

Apenas mais algumas palavras sobre a nossa Instituição pois a carta já vai longa. A LC continuou, após a tua morte, na fase de condicionamento que conheceste e foi imposta pelo governo de António Salazar. Só o 25 de Abril trouxe à LC a autonomia e liberdade de ação democrática que lhe permitiu voltar a eleger os seus dirigentes. Entrou-se assim numa fase de adaptação que conduziu à redução de muitos Núcleos, nomeadamente dos que existiam nas chamadas Províncias Ultramarinas, pois como espero já saibas, os ventos da História tornaram independentes os povos e os espaços que no teu tempo chamavam de colónias, no meu de províncias ultramarinas e hoje, o tratamento, quando a eles se faz referência, depende do ângulo político em que o cidadão se coloca...

Quando assumimos a Presidência da LC, acreditámos ser possível dar vida perene ao conceito patriótico e humanitário da Instituição que criaste e que tem as portas abertas a qualquer cidadão, em especial aos que, de armas

na mão, cumprem missões das Forças Armadas e Forças de Segurança e se bateram ou batem ao serviço do País. Nisso continuo a acreditar e hoje tudo deve ser feito para garantir esse objetivo a longo prazo.

Entrámos, assim, numa fase de renovação e dos 63 Núcleos que tínhamos, em 2003, atingimos, no país e no estrangeiro os 123 Núcleos e estamos desenvolvendo Seis Planos Estratégicos e Estruturantes que são as artérias que nos garantem uma vida ativa, em proveito dos nossos membros. Não te vou descrever o que tem sido feito, nesse âmbito, na última dúzia e meia de anos, mas podes sentir-te orgulhoso dos combatentes a quem passaste o testemunho. Trabalhamos hoje para que dentro de alguns anos, a nossa geração seja substituída pela geração dos novos combatentes, e seja garantida a utilidade e vitalidade da tua e nossa Liga dos Combatentes. Como sempre todos voluntários, sem vencimento, senhas de presença ou cartões de crédito! Com algum orgulho te digo, muito temos trabalhado, muito temos lutado. Muito temos feito. Ainda melhor estaríamos se não houvesse quem, por vezes, mete o pau na nossa roda! Mas, como bem sabes, a vida de um combatente é um combate permanente!

Meu Caro, João Jayme, por aqui me

fico. A tua coragem, a tua persistência, o teu acreditar, os serviços prestados à LCGG durante 47 anos, como Secretário-geral, são ainda hoje, exemplos a seguir, numa sociedade, cada vez mais complexa e materialista, e mais frágil no campo dos valores e da vida. Nós, combatentes de ontem e de hoje, temos pena de termos de continuar a ler na mesma “bíblia” que te levou a criar a LCGG e sermos levados a acreditar que no campo da solidariedade e do apoio mútuo, assim como da promoção dos valores, no mundo de hoje e no futuro, nada se alterará quanto à necessidade de defendermos os valores em que acreditamos, apoiarmos os mais necessitados e promovermos a segurança e os direitos humanos, daqueles que de armas na mão, aplaudidos à partida, são normalmente esquecidos à chegada. Talvez porque, há mais de duzentos anos, ninguém mais se atreveu a pisar ilegalmente e com intenções bélicas, este solo pátrio. A memória dos portugueses de factos semelhantes, é assim, apenas histórica e muito longínqua, ao contrário dos nossos parceiros do centro da Europa.

João Jayme, continua descansando e em Paz. A tua e nossa luta continua! Com amizade.

Joaquim Chito Rodrigues



Maria José, filha de Faria Affonso, na inauguração do passeio com o nome do pai.

# Combatentes têm Memorial em Beiriz

O dia de Santa Eulália de Beiriz, assim se chamava a freguesia, que se festeja a 10 de dezembro, serviu para descerrar um monumento em honra dos antigos combatentes do Ultramar.

A cerimónia contou, entre outros, com a presença de Luís Diamantino, Vice-presidente da Câmara e Vereador da Cultura, Ricardo Silva, Presidente da União de Freguesias da Póvoa de Varzim, Beiriz e Argivai, Tenente-coronel Coelho dos Santos, atual comandante da Escola dos Serviços, Sargento-chefe Veiga Veríssimo, adjunto do comandante, Delfim Afonso, pároco de Beiriz, e os membros da junta, Amadeu Matias, de Beiriz e Augusto Moreira, de Argivai. Estiveram também presentes cerca de duas dezenas de combatentes.

O memorial em granito cinzento, com o brasão da freguesia, está localizado no largo da igreja, antigo quintal da escola onde Firmino Torres aprendeu a ler: “O local é muito simbólico para nós, porque havia aqui uma escola, este local era o quintal e ao lado ficava o recreio. É para mim uma satisfação muito grande inaugurar este monumento porque marca a nossa presença pelas terras do ultramar e é também para perpetuar a memória dos combatentes e amigos. Eu e tantos outros tivemos a sorte de regressar sãos e salvos. Esta era uma aspiração antiga, ainda antes da União de Freguesias. Espero que, acabada esta pandemia, possamos reunir os antigos combatentes, numa missa na igreja, com uma romagem ao cemitério e ao monumento, terminando o dia num convívio entre todos”.

Para Ricardo Silva está a cumprir-se um desejo da população: “Um momento dramático que faz parte da História de Portugal e que teve um impacto muito grande, que foi a Guerra do Ultramar. Era muito importante fazer justiça aos filhos de Beiriz, uns ainda são vivos e outros nunca voltaram, criar um lugar de memória e imortalizar tudo o



que aconteceu para que não haja uma negação do que existiu em relação à Guerra Colonial”. E acrescenta: “Desde que assumi a presidência da União de Freguesias, sempre escolhemos o dia de Beiriz e o dia de Argivai, como forma de se comemorar a freguesia, para que continue a existir aquele sentido de pertença, aquele orgulho de pertencer à freguesia de Beiriz ou de Argivai.

Hoje é o dia de Santa Eulália, e o dia de Beiriz. Por isso, a 10 de dezembro, fazemos sempre uma homenagem.

Esta estava em falta há 46 anos e partiu de uma proposta de antigos combatentes, que achavam que devia haver este marco em Beiriz. Inclusivamente o objeto em si, o brasão de Beiriz, foi feito pelos irmãos Torres que são escultores desta terra”.

O Monumento tem gravado os nomes de Acácio Dias, José Bento Fernandes e José Costa Silva, os três combatentes naturais de Beiriz, que perderam a vida em Angola e Moçambique.

Fonte: [www.vozdapovoa.com](http://www.vozdapovoa.com)



# Requalificação cidadina de Tomar Monumento aos Combatentes da Grande Guerra

No âmbito do Projeto de Requalificação cidadina de Tomar, a Câmara Municipal de Tomar procedeu à remoção integral do Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, que se encontrava situado no Largo 5 de Outubro, tendo sido deslocado integralmente para uma rotunda, confron-te com o edifício da Estação Ferroviária, em plena simetria com este e fomen-tando a existência de uma plataforma circular que regra o trânsito local. O Monumento apresenta quatro faces com pedras em moleanos polidas e impermeabilizadas, estando na pedra frontal a designação do Monumento, “Aos Mortos da Grande Guerra/Do Concelho de Tomar/1914 - 1918”, numa lateral, o nome dos Combatentes da Grande Guerra mortos em França, na outra lateral, o nome dos Combatentes da Grande Guerra mortos em África.

Aproveitando esta requalificação, o Núcleo de Tomar da Liga dos Com-batentes efetuou a limpeza do monu-mento e a gravação de uma pedra lioz que colocou na face livre à retaguarda, em homenagem aos combatentes da

Guerra do Ultramar, com os nomes dos militares naturais do concelho de To-mar, que tomaram ao serviço da pá-tria de 1961 a 1974, à semelhança do que já existe em diversos Monumentos espalhados pelo território nacional.

O Monumento aos Combatentes da Grande Guerra pretende render home-nagem a todos os combatentes mortos que viviam no concelho de Tomar.

Foi erguido à custa de uma subscri-ção pública, e é obra do escultor por-tuense Henrique de Araújo Moreira, apresentando na sua base vários blo-cos de granito. Sobre a mesma, surge uma estátua de bronze representando um soldado em posição de assalto, com o armamento e equipamento uti-lizados na época, no teatro de opera-ções europeu, na Flandres.

A sua inauguração contou com a pre-sença do Ministro da Guerra e aconte-ceu no dia 20 de novembro de 1932, no Largo 5 de outubro, em local muito próximo do antigo quartel do Regimen-to de Infantaria nº 15.

Paulo Jorge Malva de Jesus Rêpas  
Presidente do Núcleo de Tomar da LC



Antiga localização (Largo 5 de Outubro)

# “Resiliência, Stress e Crescimento Pós-Traumático”

## Investigação/Estudo comparativo entre combatentes e população em geral

Resumo da dissertação de mestrado em Psicologia Clínica no ISPA, realizado pela Dr.<sup>a</sup> Maria Vieira em Estágio Profissional da Ordem dos Psicólogos na Liga dos Combatentes, no Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS), de Lisboa, sob orientação do Prof. Dr. António Correia. O estudo/tese de Mestrado pode ser consultado no Centro de Estudos e Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS).

### Descrição/procedimento/objetivos

Durante os meses de abril e maio de 2019, foram recolhidos dados junto de uma amostra de 146 sujeitos (56 combatentes e 90 civis), para a realização de um estudo da qual partilhamos um resumo dos principais resultados. Os objetivos deste estudo foram:

1. Comparar os valores obtidos nas escalas de Stress Pós-traumático (SPT), Resiliência e Crescimento Pós-traumático (CPT) entre combatentes e população em geral;
2. Correlacionar os níveis de Resiliência com os de CPT e SPT nos combatentes;

3. Verificar se existe uma associação entre o número e duração das missões efetuadas e os níveis das variáveis SPT, Resiliência e CPT;
4. Analisar a relação entre o papel do suporte social e os índices de SPT, Resiliência, CPT, número e duração de missões;
5. Estudar a relação entre a Resiliência e o SPT com o CPT.

Realizou-se um estudo correlacional e comparativo no qual participaram 56 combatentes dos Núcleos da área alargada de Lisboa (Abrantes, Almada, Alcochete, Entroncamento, Mafra, Montijo, Rio Maior, Santarém, Sesim-

bra, Tomar) e 90 civis de todo o Portugal Continental e Ilhas.

A recolha dos dados foi efetuada através de um protocolo de avaliação similar para os dois grupos no qual constava dados sociodemográficos e variáveis militares, experiências traumáticas e as escalas de SPT, Resiliência e CPT. Em relação aos combatentes os dados foram recolhidos presencialmente nos Núcleos da Liga dos Combatentes.

### Principais resultados - Caracterização de amostra

Grupo 1 - Combatentes: Os participantes são todos do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 22 e os 79 anos (M = 51; DP = 11), sendo mais de metade deste grupo casados (78,6%). Na figura 1, observa-se a caracterização maioritária da vida militar destes participantes e na figura 2, os incidentes críticos mais apontados.

Quanto à questão relativa ao tempo de regresso da última missão efetuada, em média, os participantes regressaram há 13 anos (missões de paz), havendo inclusive quem tivesse regressado há alguns meses, e também quem regressou há 47 anos (antigos combatentes).

Salienta-se que 3,6% destes participantes desistiram das suas missões antes do tempo de término por motivo de doença ou por saudades da família. Relativamente à sua última missão, a maioria dos participantes mencionaram que gostaram e voltariam a repetir (62,5%), havendo 7,1% que não tencionam voltar a ir em missão apesar de terem gostado.

Quanto à saúde mental dos combatentes, 3 (5,36%) destes já tiveram

acompanhamento psicológico e 2 (3,57%) acompanhamento psiquiátrico. Pelo menos 2 dos combatentes acreditam sofrer de uma patologia consequente das missões, como as insónias ou até doenças oncológicas. É de salientar que 6 (10,71%) dos combatentes já se encontraram internados devido a problemas ocorridos durante o serviço militar. Quanto ao apoio social, os combatentes sentem-se, de forma geral, apoiados pela família (55,4%), amigos (37,5%) e pela própria instituição (12,5%).

**Grupo 2 – Civis:** Neste grupo, a maioria dos participantes são do sexo feminino (74; 82,2%), com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos (M = 41; DP = 11).

A maioria dos participantes são casados (64,4%) e já tiveram uma experiência traumática (64,4%). As experiências traumáticas mais apontadas são: morte de um familiar/alguém próximo (17,8%), doença do próprio ou de alguém próximo (14,4%), problemas no trabalho (8,9%) e na família (7,8%). Quanto ao apoio social, estes sujeitos sentem-se, de forma geral, apoiados pela sua família (62,2%) e amigos (32,2%).

**SPT, Resiliência e CPT:** diferença grupos: Como se pode verificar na figura 3, o grupo militar apresenta níveis superiores de Resiliência (diferenças estatisticamente não significativas) enquanto o grupo civil apresenta uma média superior de SPT e CPT, sendo estas diferenças estatisticamente significativas.

**Relação entre as variáveis:** As correlações de Spearman das variáveis em estudo em ambos os grupos, separadamente, demonstraram que não existem correlações significativas entre as variáveis no grupo 1 (combatentes) mas existem correlações significativas no Grupo 2 (civis). No grupo dos civis, existem associações significativas e positivas entre a Resiliência e o CPT ( $r_s = 0,63$ ;  $p < 0,001$ ;  $n = 90$ ), bem como entre o SPT e o CPT e ( $r_s = 0,24$ ;  $p = 0,023$ ;  $n = 90$ ). Estes resultados indicam que, no grupo dos civis, quanto mais elevados são os níveis de CPT, mais elevados são os de SPT e de Resiliência.

**Discussão dos resultados e principais conclusões:** Tendo em conta a análise descritiva das variáveis psicossociais na amostra total verificou-se que, de forma geral, as médias de SPT situavam-se abaixo do valor médio, sendo a do CPT próxima da média, mas um pouco inferior a esta, e a da Resiliência próxima do valor máximo. Estes resultados, combinados com os dados sociodemográficos recolhidos, demonstram que a amostra em estudo esteve de forma geral exposta a acontecimentos potencialmente traumáticos, mas na presença destes, teve a tendência a desenvolver níveis superiores de Resiliência e inferiores de

Figura 1

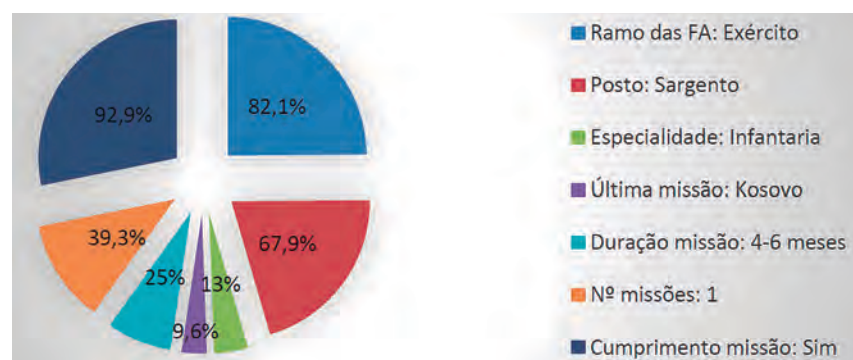


Figura 2

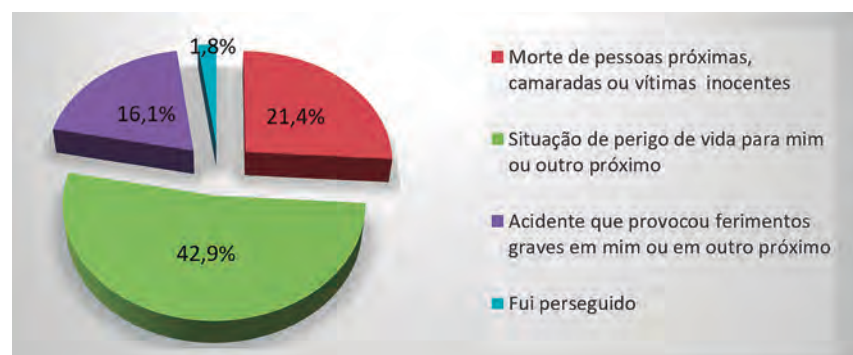


Figura 4



É de salientar que o número de missões efetuadas não se encontra correlacionada de forma significativa com nenhuma dimensão das escalas em estudo. Também não encontramos neste estudo uma correlação significativa entre o Suporte Social e o número de missões ( $r_s = 0,23$ ;  $p = 0,09$ ) nem com a duração das mesmas ( $r_s = -0,03$ ;  $p = 0,87$ ).

SPT, bem como de CPT. Tal como se evidencia na literatura, para se desenvolver CPT é necessário desenvolver alguns níveis de SPT, que parece ser a teoria que melhor explica estes resultados visto que os níveis de CPT são um pouco superiores aos de SPT (Tedeschi & Calhoun, 2004).

Estes valores podem estar relacionados com as experiências de vida de cada um, com experiências potencialmente traumáticas cumulativas, presença de traços de resiliência posteriores ao possível trauma, entre outros fatores explicativos destes resultados.

De acordo com o principal objetivo desta investigação (comparar os valores obtidos nas escalas de SPT, Resiliência e CPT entre o Grupo 1 e 2), o que se concluiu de forma geral foi que o Grupo 2 (civis) apresenta níveis de SPT e de CPT, superiores ao Grupo 1, sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Por outro lado, o

Figura 3






Grupo 1 (combatentes) evidencia níveis superiores de Resiliência em comparação com a população geral, apesar das diferenças não serem estatisticamente significativas.

Estes resultados, tal como indica a literatura (Barros et al., 2018; Elliot et al., 2015; Taylor et al., 2018), podem dever-se ao facto de os combatentes serem treinados para lidar com situações adversas, para resistir a condições adversas e cenários previsíveis, ou seja, são treinados para ser mais resilientes face a adversidades.

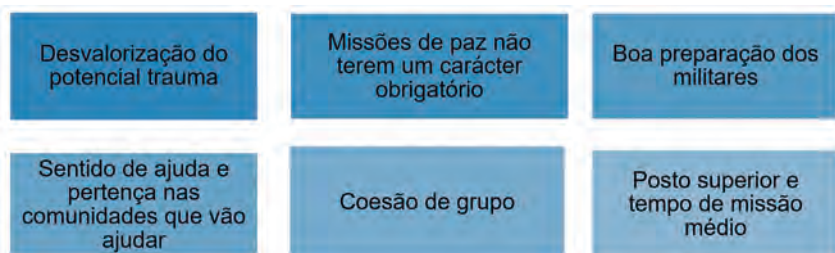
Além disso, também desenvolver bons índices de Resiliência para lidar com futuros traumas (Crombach & Elbert, 2014; Derivois, Cénat, Joseph, Karray, Chahraoui, 2017).

Por outro lado, verifica-se que quanto mais missões efetuam os militares, mais probabilidades têm de se tornarem mais resilientes, todavia, a longevidade da missão tem um efeito contrário nesta variável Resiliência. Uma explicação que encontramos, tendo em conta a nossa amostra, é da interferência de fatores como o afastamento e as saú-

des, enquanto se for para uma missão com a noção de que não vai ser recebido e acolhido pela sua família, isto pode desmotivá-lo ou até pode torná-lo mais agressivo e propenso a desenvolver SPT (Palmer et al., 2016). Suscita atenção o facto de perceber que os combatentes se sentem muito mais apoiados pelos amigos, nos quais estão incluídos outros camaradas, do que pela família. Pode explicar o facto de no seu treino militar trabalhar-se muito a coesão de grupo e de na própria missão terem de confiar nos seus camaradas para se protegerem. Esta coesão e confiança mútua que é estabelecida num grupo militar aumenta muito a perceção de suporte social do grupo, o que de certa forma poderá proteger os militares de desenvolverem SPT (Correia, 2014).

Em relação a um dos objetivos do estudo de se analisar o papel da Resiliência e do SPT no CPT, através do modelo criado, observou-se que a variação dos valores apresentados na escala de CPT não é explicada apenas pelos valores obtidos na escala da Resiliência e do SPT. A resiliência explica 4% e o SPT explica 15,6% dos valores obtidos na escala de CPT. Estes dados sugerem que muitos outros fatores contribuem para o desenvolvimento de CPT, como por exemplo, as crenças centrais do sujeito, o processo de ruminação intrusiva e deliberada, a personalidade, o suporte social, o tipo de trauma, entre muitos outros que não foram integrados neste modelo. (Correia, 2014; Palmer et al., 2016; Pietrzak et al., 2010). Além disso, através deste modelo pôde-se verificar que o SPT explica mais a variação do CPT do que a Resiliência. Contudo, o poder explicativo destas variáveis é um pouco superior quando se analisa apenas o Grupo 2 (civis). Este facto poderá ser um resultado condicionado pelo tamanho da amostra neste grupo, e por outros fatores como o tipo de trauma, a frequência e a intensidade dos mesmos, os fatores protetores, que mais facilmente são adquiridos pelos militares em relação à população civil em geral, entre vários outros fatores (Correia, 2014).

### Algumas explicações para os níveis de SPT baixos no grupo militar:



Quanto aos valores de Resiliência obtidos no grupo 1 (combatentes), estes apresentam-se elevados muito provavelmente devido à preparação dos militares de missões de paz através de programas específicos (competências sócio-emocionais, técnicas de comunicação, coping, regulação emocional, fortalecimento das relações interpessoais e reconhecimento de características protetoras do stress (Crane et al., 2018).

No grupo 2, população civil, os níveis de SPT são baixos mas mais elevados que no grupo dos combatentes, talvez devido aos seguintes aspectos: a) a população geral não tem o treino de competências cognitivas e emocionais que os militares têm; b) as interpretações cognitivas que fazem da situação são diferentes (Lazarus, 1999). Apesar de a população geral não ter a preparação e o treino que os militares têm, as experiências que vivenciam, algumas até potencialmente traumáticas, per-

dades da família e o envolvimento no meio adverso já ser demasiado cansativo para conseguirem manter algumas das estratégias de coping adaptativas. Para corroborar com esta nossa análise, encontramos uma associação negativa entre a duração das missões e a Perseverança, o que poderá indicar que quanto mais tempo o militar estiver em missão mais cansado fica, o que reduz a sua capacidade de procurar novas soluções (perseverança). Contudo, é importante ter-se noção que o facto de não termos encontrado esta correlação, também poderá estar relacionado com a distribuição da amostra, em que são raros os casos de militares com mais de uma missão efetuada.

O facto de um militar sentir que tem mais apoio da sua família e amigos, que irá ser recebido quando regressar de uma missão e que lhe irão ajudar a reintegrar-se, faz com que este não tenha receio em participar em mais

## O Ano de 2020 foi a “prova de fogo” para os Serviços de Apoio Médico, Psicológico e Social da Liga dos Combatentes

O ano de 2020 foi um ano de enormes desafios para a Liga dos Combatentes e sobretudo para todos os técnicos dos Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS) que trabalham em constante articulação e relação de proximidade com os Núcleos e com os seus associados, combatentes e respetivas famílias.

A pandemia de COVID-19, os confinamentos e restrições, o dever de proteção aos mais idosos e as suas consequências (morte e luto, isolamento, incerteza, ansiedade, medo, dificuldades económicas agravadas, menor contacto social) colocaram às equipas técnicas desafios constantes de adaptação e necessidade de reinventarem respostas, obrigando a mudanças na metodologia de trabalho e transformando o acompanhamento médico, psicológico e social habitualmente presencial, em apoio a distância com todas as dificuldades que este processo implicou.

Estas adaptações trouxeram algumas vantagens (maior disponibilidade, contactos mais frequentes e maior flexibilidade de horários) e dificuldades (a maioria dos sócios não tem acesso a tecnologias, ou não sabem usufruir delas, a falta de contacto visual dificultou o estabelecimento de uma relação terapêutica e a evolução do processo de acompanhamento, exigindo ao profissional uma atenção diferenciada e ainda mais atenta). Para além desta adaptação a uma nova forma de atuação, o técnico teve que lidar com uma nova realidade, ter o seu gabinete de trabalho, espaço familiar e de lazer, muitas vezes no mesmo local, tendo ainda que se preocupar com o seu autocuidado.

Conforme a situação de risco diminuía, conseguimos realizar algum trabalho presencial, entre os meses de

setembro e dezembro. Para que tal acontecesse, tivemos que delinear um plano rigoroso, adquirir equipamentos de proteção individual (EPI's), colocar acrílicos, organizar bem os horários de consultas com tempo para a desinfecção do local e muitas outras práticas adaptadas para garantir sempre o bem-estar e segurança de todos os técnicos, colaboradores e utentes. Todavia, este foi também um ano de aprendizagens, de reflexões, readaptações, experimentações, investigação-ação que se materializaram no desenvolvimento de inúmeras iniciativas e projetos, numa tentativa de responder às exigências e novas necessidades da nossa população combatente.

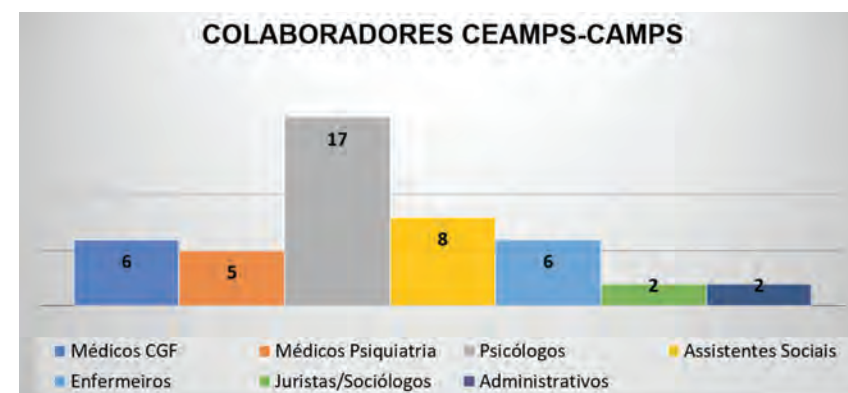
O feedback dos nossos associados é, sem dúvida, a melhor forma de reconhecer o trabalho realizado ao longo

### Quem foi a equipa que realizou este trabalho?

Estiveram envolvidos neste desafio de 2020, 46 técnicos e colaboradores voluntários de apoio direto aos CAMPS, sendo alguns destes militares especialistas e voluntários das Forças Armadas e Forças de Segurança na reserva ou ativo em colaboração total, parcial e pontual.

Os vários técnicos dos CAMPS desenvolveram ao longo do ano de 2020, diversas atividades de Apoio Médico, Psicológico e Social, quer nos CAMPS, quer também em missões de proximidade e apoio aos Núcleos.

Estes apoios consistiram em: consultas de triagem, psicoterapia de apoio (individual ou grupo), psiquiatria, clínica geral e familiar, apoio social, interven-



do último ano. A sensação de nunca terem sido “abandonados”, diminuiu a carga negativa que o Covid trouxe neste ano atípico. O desafio deste trabalho infelizmente não terminou em 2020 vai continuar a exigir da LC e da sua estrutura, neste tempo de pandemia, e para além da pandemia, pois o impacto na vida dos combatentes já se está a fazer sentir. Os próximos anos vão continuar a ser difíceis.

ção psicossocial, apoio a combatentes na situação de sem-abrigo (CSSA), acompanhamento e integração de estágios profissionais da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) e IEFP e ainda de atividade de apoio a estudos e investigações coordenado pela equipa do CEAMPS em interligação com outras Instituições e Universidades. De modo a garantir todas as respostas que são necessárias, os Núcleos

e os seus Delegados Sociais em articulação com os CAMPS também estabeleceram parcerias e protocolos de colaboração com instituições públicas e privadas.

### Quais os resultados do trabalho do ano de 2020?

Apesar de todas as limitações do ano de 2020, as equipas dos CAMPS, realizaram um total de 22276 intervenções/ações em consultas/atos médicos, psicológicos e sociais: consultas de psiquiatria (233), consultas de clínica geral e familiar (3011), consultas e ações de enfermagem (470), consultas de triagem (299), consultas de psicologia (6585), sessões de terapia de grupo (64), avaliações psicológicas (119) e consultas/intervenções de apoio social (3359), visitas de apoio domiciliário (254) e apoios a CSSA (52).

Foram realizadas ainda outras intervenções gerais (7830), incluindo 98 apoios jurídicos em processos DFA, em articulação com os Núcleos e com várias Entidades. Do total das ações

realizadas, 9232 (42%) foram realizadas em modelo presencial e 13044 (58%) não presencial (teleconsultas/teleassistência).

### Como cuidámos de Nós em tempos de pandemia?

Um ano depois, entramos numa fase em que é sentido também algum cansaço pandémico nos técnicos e este é um novo desafio de toda a equipa, continuar a encontrar formas de resiliência e novas soluções, pois o presente e o futuro próximo continuarão a causar um grande desgaste e a exigir um enorme esforço de todos.

Os técnicos da Liga dos Combatentes foram técnicos da primeira linha, estiveram na linha da frente nos cuidados aos combatentes e seus familiares. Estiveram expostos a “exigências sem precedentes”, mas é importante relembrar que para que possamos cuidar bem do outro, também temos que cuidar bem de nós.

Em Março de 2020 quando fomos surpreendidos pelo COVID 19, não nos

ocorreu questionar “Como cuidar de Nós”. Os técnicos da Liga dos Combatentes foram mais uma vez desafiados, e como sempre disseram “pronto”, “arregaçar mangas” e delinear e reformularam estratégias para continuar a intervenção com os combatentes de forma a que não se sentissem abandonados, mantendo o suporte e o cuidado. Foram meses muito desafiantes e muito exigentes para cada técnico.

Todos estavam motivados para fazer diferente e melhor a cada dia que passava. E ao mesmo tempo mantendo todos os outros papéis, pais, mães, esposas, professoras, chefes de cozinha, filhas, irmãs, amigas.... Podemos questionar-nos a esta distância como conseguimos gerir tudo isto?

Pois bem, talvez o “combustível” tenha sido o “amor”, o amor pelos combatentes, pelos colegas de trabalho, o amor à vida e à dignidade humana.

No final do ano, foi solicitado aos técnicos dos vários CAMPS, pela equipa de coordenação do CEAMPS, uma reflexão acerca da experiência vivida: dificuldades, aprendizagens, emoções e sentimentos e propostas de futuro. Da análise destas reflexões ressaltou o grande impacto que toda esta vivência teve em todos e cada um de nós, não só enquanto profissionais, mas também enquanto pessoas. Experimentaram-se emoções e sentimentos semelhantes, todos se depararam com obstáculos e dificuldades, mas também foi possível olhar para esta fase como uma oportunidade de mudança, aprendizagem e evolução.

As Reflexões foram o mote para a realização de um Workshop, dinamizado por um grupo de técnicos e destinado a toda a equipa, cujo tema foi o Autocuidado.

Este Workshop, realizado online, nos dias 11 e 18 de fevereiro de 2021, com o título “Estamos a Cuidar de Nós?” foi dividido em duas partes. Na primeira parte, foi promovido o “desbloqueio” de cada técnico, a partilha de reflexões, pensamentos, sentimentos e emoções.

O Workshop começou com a visualização do videoclip da música, “É Pre-

ciso” de Miguel Gameiro, cuja letra ilustra bem a realidade que vivenciámos e transportou o grupo de técnicos para a temática do Autocuidado,


“Cuidar de Si Não Significa Somente Eu, Significa Eu Também”. Muitas foram as palavras ditas, partilhadas, mas Esperança, Vulnerabilidade, Expectativas, Solidão e Isolamento, foram as que assumiram maior destaque. Surgiram partilhas de emoções e sentimentos associados como, a ansiedade, o medo, angústia, tristeza, saudade, luto, impotência, solidão, perda, incerteza, insegurança, o vazio, o espírito de missão e a resiliência, estas últimas certamente foram o motor para cada técnico dar continuidade à sua intervenção.

E porque após a árdua caminhada da partilha da primeira sessão, era importante organizar as ideias sobre o Autocuidado, numa segunda sessão foram constituídos grupos de técnicos e foi proposto a cada grupo a criação de um mural com as estratégias usadas e que permitiram melhorar a sua gestão “no cuidado de si mesmo” e encontrar soluções para as dificuldades surgidas durante a primeira vaga da pandemia.

### Mas o que é então o Autocuidado?

São ações promovidas pelo indivíduo para garantir a própria saúde e quali-

dade de vida. Representa tudo o que fazemos para cuidar do nosso próprio bem-estar, como a prática de exercício físico regular, tempo de lazer e relaxamento, alimentação saudável, entre outros exemplos. O Autocuidado pode ser dividido em quatro dimensões complementares: emocional (cuidado da mente e dos sentimentos), físico (cuidado do corpo, prática de exercícios e atividade física, alimentação saudável e higiene do sono), social (o autocuidado está longe de ser um hábito egoísta e de ações voltadas apenas para si mesmo, é importante manter contato com

tivo e ao conhecimento. Ter um hobby e reservar momentos para o lazer são importantes para manter a mente ativa, presente, e não apenas em funcionar- mos automático. Faz bem ler um livro, ver um filme, desenhar ou desempenhar outras atividades que estimulem a criatividade). Se conseguirmos desenvolver todas estas áreas, estamos a promover o nosso bem-estar e a nossa qualidade de vida. Deixamos uma sugestão a quem nos lê, cuide de si e não esqueça: “Ter sempre em mente que o autocuidado é uma necessidade e uma prioridade, não é um luxo!”. 

## Se precisar de ajuda, contactar para:

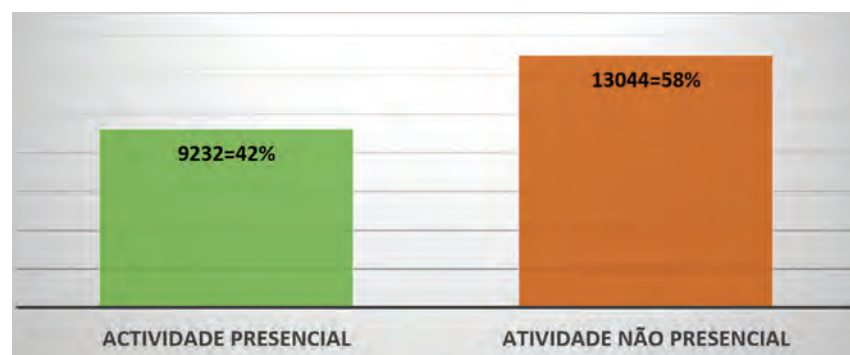
“Cuidar de Nós não significa negligenciar cuidar do outro”

“Se não puder fazer tudo, faça tudo o que puder”

pessoas que nos apoiam, familiares e amigos, além de praticar a empatia e a solidariedade com o próximo) e mental e/ou espiritual (este tipo de autocuidado está relacionado ao espaço cogni-

### Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS)

- Coordenação - CEAMPS: 918938071
- CAMPS 1 - Lisboa: 918938072/3
- CAMPS 2 - Loulé: 965183691
- CAMPS 3 - Porto: 932220061
- CAMPS 4 - Coimbra: 913529196
- CAMPS 5 - Chaves: 910270496
- CAMPS 6 - Évora: 913500361
- CAMPS 7 - Beira Interior: 913534258
- CAMPS 8 - Beja: 967662961
- CAMPS 9 - Reguengos Monsaraz: 913534592
- GAMPS 1 - Ilha Terceira: 917507498
- GAMPS 2 - Funchal: 291220141



**Ajude-nos a ajudar**

Contribua com **0,5%** do seu IRS para a Liga dos Combatentes sem quaisquer custos para si.

Apoie a Liga dos Combatentes

Indique o contribuinte **500 816 905 – LIGA DOS COMBATENTES** no quadro 11, Campo 1101 na página de rosto do modelo 3.

# Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra

## Homenagem aos camaradas caídos na Índia

59 anos passaram (19 de dezembro de 1961) desde que Portugal perdeu os territórios portugueses na Índia. Esses momentos foram recordados no passado dia 19 de dezembro de 2020, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, pela Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra (ANPG).



Isabel Martins

Este ano, e devido aos limites impostos, estiveram presentes três representantes da ANPG, Jorge Vaz, José Maneiras e Valdemar Simão.

Na impossibilidade da presença física do Presidente da ANPG, Fausto Diabinho, Jorge Vaz, Vice-presidente da ANPG leu as palavras que aquele escreveu para esta homenagem sendo o texto bíblico lido por José Maneiras, Vice-presidente da Assembleia-geral.

Foi deposta uma coroa de flores junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, tendo Jorge Vaz chamado pelos nomes dos 25 militares que caíram nos confrontos em Goa, Damão e Diu.

“Evocação do 59.º Aniversário da rendição das Forças Armadas Portuguesas às Forças Armadas da União Indiana, no dia 19 de dezembro de 1961, no antigo Estado Português da Índia.

Excelentíssimos Convidados,  
Caros camaradas de cativo,  
Minhas Senhoras e meus Senhores

Venho por este meio, na qualidade de Prisioneiro de Guerra e muito especialmente como Presidente da Direção da Associação Nacional dos Prisioneiros de Guerra da Índia, testemunhar o meu pesar pela minha primeira ausência nestas cerimónias tão singelas, mas com um sentido bem profundo pelo seu significado.

A triste realidade é que, com um imprevisto em determinada hora do dia 15 de outubro, fraturei o fémur do membro inferior esquerdo da qual tive que ser internado e submetido a uma cirurgia, não me possibilitando, ainda, a minha presença física entre vós. Mas estarei de alma e coração a comungar convosco da

profunda tristeza ao recordar e evocar os nomes dos 25 BRAVOS que tomaram naqueles acontecimentos, ao serviço de PORTUGAL.

Termina a passos largos o ano de 2020. Infelizmente será recordado pela epidemia do COVID-19 e pelos milhares de vítimas que está a causar ao nosso País, na Europa e em todo o Planeta. A todos aqueles que perderam familiares deixo uma palavra sentida de condolências, carinho e solidariedade. As nossas vidas sofreram radicais alterações. Constringimentos foram exigidos de forma a combater a epidemia e a garantir alguma normalidade na nossa vivência coletiva.

A influência na vida de todos quantos pertencem à ANPG não foge à regra. O cancelamento de diversas atividades organizadas pela nossa Associação deixou um vazio e desalento. A solidão teima em entrar na casa de cada um. Mas, a vida tem de continuar...

A Direção da ANPG tem encontrado respostas que vão de encontro à activação das necessidades básicas e, ao mesmo tempo, incrementando a solidariedade e reforço da auto-estima daqueles que mais precisam e que estão mais vulneráveis.

A ANPG continua a ser fiel aos seus princípios pragmáticos. Os Prisioneiros de Guerra da Índia e seus familiares aqui terão sempre a porta aberta, uma mão amiga e um coração fraterno.

É com este espírito e propósito de entrega que em nome dos Corpos Sociais da ANPG desejo a todos um Feliz Natal e um Ano Novo de 2021 repleto de Paz, Saúde e a almejada Alegria.

Seguidamente o nosso incansável Vice-presidente da Direção, Jorge Vaz e o Vice-presidente da A. G., José Maneiras, darão seguimento a um programa tão breve quanto possível, pois as circunstâncias o exigem.

Com bastante estima e consideração,  
Entroncamento, 19 de Dezembro de 2020.  
O Presidente da Direção  
Fausto A. R. Diabinho

**GOA**  
Alf Mil Eng António Lopes Gonçalves Pereira  
Alf Mil Inf António José Abreu Abrantes  
Alf Mil Inf Abel dos Santos Rito Ribeiro  
1º Sarg Arm António Duarte Santa Rica  
Fur Mil José A. Ramiro da Fonseca  
1º Cb António Crispim de Oliveira Godinho  
1º Cb António Fernando Ferreira da Silva  
1º Cb Lino Gonçalves Fernandes  
1º Cb Cândido Tavares Dias da Silva  
1º Cb António Baptista Xavier  
1º Gru José Manuel Rosário da Piedade  
Sold Manuel Sardinha Mexia  
Sold Mário Bernardino dos Santos  
Sold Fernando José das Neves Moura Costa  
Sold Damuno Vassu Canencar

**DAMÃO**  
Ten Inf Alberto Santiago de Carvalho  
Sold Jacinto João Guerreiro  
Sold Abel Araújo Bastos  
Guarda 2ª Classe Pol João Paulo de Noronha  
Guarda Auxiliar Joviano Fonseca  
Guarda Rural Tibúrcio Machado  
Guarda Rural Paulo Pedro do Rosário

**DIU**  
2º Ten Jorge Manuel C. de Oliveira e Carmo  
Mar António Ferreira  
Mar Aníbal dos Santos Fernandes Jardim



Foto: Pedro Jesuino

Ouviram-se os toques aos mortos em combate, o de alvorada, o Hino da Liga dos Combatentes e o Hino Nacional, sendo as palavras de encerramento proferidas por Jorge Vaz.

Jorge Vaz e Valdemar Simão continuam a manter o dia a dia da Associação com instalações no edifício da Liga dos Combatentes em Lisboa, José Fernandes Maneira, na altura da invasão em 1961, estava no esquadrão de reconhecimento nº 1, em Mapuçá, e o antigo presidente da ANPG, Gomes Montez, estava na bateria de artilharia próximo do aeroporto em Goa, “sem peças de artilharia anti-aérea”.

Face ao extraordinário potencial relativo de combate favorável às tropas indianas quando da invasão, às tropas portuguesas não foi possível oferecer a resistência que garantisse a defesa do território.

Após a redução de efectivos ao longo de anos, restaram poucos, sem meios humanos e materiais, para enfrentarem as tropas da união indiana quando da invasão. Os que foram feitos prisioneiros de guerra, lembram a indiferença e mesmo rejeição com que foram abordados no regresso após a sua libertação.

Quando do regresso a Lisboa foram escoltados pela Polícia Militar, uma recepção inglória para estes heróis e só anos depois, com a intervenção do então Ministro da Defesa Paulo Portas em 2003, foram reconhecidos, tendo

recebido uma medalha de mérito e reconhecimento e passado a usufruir uma reforma mensal, tal como outros antigos combatentes, o que não acontecia até então.

Segundo um texto no jornal “A Bola”, de 2011, Portugal retaliou com a detenção de 12.000 indianos em Moçambique, tendo a troca dos reféns acontecido a partir de maio de 1962.

Numa das cerimónias evocativas deste dia o Presidente da Liga dos Combatentes, TGen Joaquim Chito Rodrigues, “não deixou de lamentar a situação a que se chegou na Índia e à qual os militares portugueses foram submetidos, sem meios para ripostar contra as tropas indianas, considerando que este é um dia para homenagear todos os soldados que estiveram presentes em Goa, Damão e Diu e que esta é uma efeméride extraordinariamente importante, especialmente para eles, mas também uma efeméride que serve para evocar um momento extremamente difícil para o País, que se pode resumir e deve assumir como um erro político e um sacrifício militar”.

Continuaremos ao longo dos anos, na medida do possível, a prestar a devida homenagem a estes combatentes que foram dos primeiros portugueses a cair ao serviço da Pátria, não esquecendo os primeiros caídos em 1954, o Sub-Chefe Aniceto do Rosário e o po-

lícia António Fernandes assassinados em Dadrá, antiga colónia portuguesa, quando da ocupação militar da Índia, nascendo assim os chamados “Heróis de Dadrá”.

Aniceto do Rosário foi condecorado a título póstumo com a Ordem Militar da Torre e Espada. Temos vindo a falar de História, e as relações diplomáticas foram estabelecidas entre Portugal e a Índia. Fala-se agora da aproximação da União Europeia e deste grande País. O mundo continua em “constante mutação” como dizia o poeta, e esperemos que seja no sentido pacífico. 🇵🇹



Foto: Pedro Jesuino

Jorge Vaz e Valdemar Simão

# Marcelino da Mata

(Ponte Nova, Guiné, 7/5/1940 – Amadora, 11/2/2021)



**João José Brandão Ferreira**

Tenente-coronel Piloto Aviador, Ref. Cmdt. Linha Aérea

Por meados dos anos 90, num dia 10 de Junho, Dia de Portugal, uma grande aglomeração de gente, na maioria, antigos combatentes das últimas campanhas ultramarinas, juntou-se ao redor do Monumento aos Combatentes do Ultramar, sito junto ao Forte do Bom Sucesso, no Restelo – hoje ocupado pela Liga dos Combatentes -, a fim de participarem numa cerimónia de homenagem aos que, de armas na mão, foram chamados a defender o seu País, como aconteceu em todas as gerações, desde o início da nacionalidade.

Homenagem que os órgãos do Estado, desde 25/4/74, levaram décadas a fazer e, ainda hoje, o fazem com relutância.

Naquele ano havia uma concentração inusitada de antigos combatentes, que vieram ao mundo com uma tez negra, oriundos das antigas Províncias Ultramarinas (cujos símbolos a Câmara de Lisboa quer fazer desaparecer da Praça do Império...), muitos deles ostentando trajes típicos e quase todos usando boinas e distintivos militares. Grande percentagem tinha pertencido a forças especiais portuguesas, nomeadamente, “Comandos”.

Presentes no local estavam vários órgãos de comunicação social (o que passou a ser raro), incluindo televisões.

Uma jovem jornalista de um dos canais de televisão (crê-se da SIC) impressionada com a presença de tantas pessoas de origem africana e do que ouvia dizer dirigiu-se a um deles (que ostentava um emblema da Causa Real, no casaco!) e perguntou-lhe: “O que é que vocês estão a fazer aqui?” A resposta veio pronta “estamos aqui a celebrar o dia da nossa Pátria fundada pelo nosso primeiro Rei, D. Afonso Henriques”.

A jornalista dando mostras de ter ficado com os “fusíveis fundidos”, balbuciou “e há mais pessoas que pensam assim?”; “há, olhe à sua volta”. Seguiram-se várias entrevistas.

Escusado será dizer que nada foi editado e passou nas pantalhas. Talvez não fosse má ideia tentar recuperar as imagens e o que ficou registado, quanto mais não seja para mostrar ao “SOS – Racismo” e aos senhores deputados da Nação que agora aprovaram uma resolução pífia, onde instam o Governo a gastar 15 milhões de euros em publicidade para fazer uma campanha nacional antirracista (Governo, que entretanto já tinha criado um grupo de trabalho para combater o Racismo...).

Marcelino da Mata também ia sempre que podia a esta cerimónia, de portugueses de alma limpa, onde tinha lugar marcado por ser Cavaleiro da mais importante condecoração portuguesa, que lhe foi atribuída em 2 de Julho de 1969, a Antiga e Mui Nobre Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. E bem a mereceu, pois nunca lhe faltaram o Valor, a Lealdade e o Mérito!



Marcelino da Mata na sede da Liga dos Combatentes, em maio de 2008.

O nosso Marcelino, porém, já não assistirá mais à cerimónia, pois faleceu no pretérito dia 11 de Fevereiro: não conseguiu resistir, aos 80 anos, a uma “emboscada” do Covid 19, pelos vistos um inimigo ainda mais insidioso do que aqueles que nos combateram, em África, e que ele sempre derrotou no campo de batalha.

Morreu uma lenda viva, que não o era só do Exército, mas de todas as Forças Armadas Portuguesas, como muito bem o comunicado do Estado-Maior General das FA aduz. Uma lenda, todavia, bem real pois nada do que fez ou se diz ter feito, era apenas mito. Aconteceu mesmo. Marcelino da Mata foi um indómito guerreiro, que tendo sido alistado como soldado, em 3 de Junho de 1960, foi sendo sucessivamente promovido até Major, o mais das vezes por distinção. Ainda em 1994, foi graduado em Tenente-Coronel, mas sempre recebeu como capitão até à sua recente promoção a Major, em 2 de Junho de 2020...

Esta última promoção foi contrariada por gente medíocre, que tendo até estudos, não lhe chegavam aos calca-

nares em hombridade, carácter, coragem e espírito militar. Já nem falo em Patriotismo...

Do seu longo curriculum militar e humano não cabe aqui uma visão de pormenor. Diremos apenas que combateu ininterruptamente, durante onze anos, tendo sido contabilizadas 2.412 (!) acções de combate em que participou. Nelas arriscou a vida inúmeras vezes e sofreu ferimentos vários. Mas o único ferimento grave que justificou uma evacuação para o Hospital Militar da Estrela (de saudosa memória) foi devido a acidente com arma de fogo de um seu companheiro. Aqui o apanhou o Golpe de Estado ocorrido em 25 de Abril de 74.

Marcelino da Mata, de etnia Papel, católico, era filho de gente pobre e não teve estudos liceais, nem cursou qualquer escola superior militar. Subiu a pulso, era um homem simples, humilde e algo ingénuo. Tinha, porém, uma forma intuitiva e pouco ortodoxa de combater e fazer a guerra, especializando-se em acções de contra-guerrilha, fazendo-se apenas acompanhar por meia dúzia de combatentes da sua confiança.

É quase épica a sua ideia em mandar tocar uma corneta, no meio do mato em que anunciava a sua intenção de atacar, ao mesmo tempo que afirmava a sua falta de temor pelo inimigo... E chegava ao ponto de se infiltrar com os homens que liderava, no meio de grupos de combate do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo-Verde, que combatia a presença política de Portugal em África), fingindo que pertencia às suas fileiras, para os eliminar, quando encontrava o momento oportuno. Actuação pouco convencional, mas que vai ao encontro da “Surpresa”, Princípio incontornável da Guerra, que dita, enfim, realizar acções que o inimigo julga impossível ou muito improvável serem realizadas...

E também é conhecida a sua permanente disponibilidade para socorrer ou salvar vidas de camaradas seus, como é exemplo a sua participação na célebre Operação Mar Verde, e na recuperação de pilotos da Força Aérea acidentados ou atingidos pelo fogo inimigo.

No fim conseguiu o feito absoluta-

mente incomensurável de passar a ser o militar mais condecorado das Forças Armadas Portuguesas! Onde constam cinco cruces de guerra (sendo três de 1ª classe) - o significado disto já quase ninguém tem noção no país pela simples razão que a Instituição Militar foi desprezada e ter deixado de haver Serviço Militar Obrigatório...

Nenhuma das condecorações foi obtida por feitos de secretaria ou de acções de gabinete, tão pouco por qualquer favor de circunstância. Decorreram de muitos sacrifícios, sangue, suor e lágrimas!

Durante as fases mais agudas da “Revolução dos Cravos” foi perseguido, chegando – se à infâmia inaudita, de ter sido seviciado dentro de um quartel, por vários camaradas de armas, cujos



**“Nunca renunciei à nacionalidade portuguesa. Houve um animal na Administração Interna que me disse: “você foi colonizado”. Eu respondi: eu nunca fui colonizado. Os meus antepassados foram colonizados, mas eu não. Eu nasci numa Nação chamada Portugal”.**

Marcelino da Mata

nomes são conhecidos, e outros revolucionários (da treta) esquerdopatas, que nunca foram julgados e condenados pelos seus crimes. Na sequência emigrou para Espanha, à semelhança de muitos outros portugueses, que discordavam das malfetorias em curso.

Também foi proibido de pisar a sua terra natal – onde chegou a ter a cabeça a prémio – pelas novas “autoridades” do País, até hoje, falhado.

E não deixa de ser irónico que, na passada semana, 47 anos depois, um grupo de guineenses, antigos militares do Exército Português, a quem tem sido negada a nacionalidade portuguesa, ou qualquer outro apoio, irrompessem no cemitério de Bissau, onde existem cerca de 500 campas de antigos militares lusos, tivessem coberto as campas de uma dezena deles com a Bandeira das Quinas, discursassem patrioticamente, e mais uma vez solicitado que lhes fosse concedido o que

é de Direito e até, de simples decência (veja-se como é de pôr os cabelos em pé, comparar-se isto, com o que se passa actualmente com os migrantes!). Repare-se ainda, na mudança na atitude do governo da RGB que tudo deixou passar na televisão...

Portugal devia estar de luto, no mínimo o Exército Português, que serviu com incedível valor militar e patriotismo. Infelizmente, tal não irá acontecer. Afinal Marcelino da Mata, não tem passado “antifascista”; não se drogava por “culpa” da sociedade; não jogava à bola, nem era baladeiro ou estrela de rock. Era apenas um combatente de excelência, português, que passou a estar no sítio errado, na hora errada. Para Marcelino da Mata fica a marcha da continência e um grande “Mama Sumae”. O seu nome ficará na História Militar Portuguesa, do século XX.

Que Deus o tenha em Sua Santa Guarda, pois muito penou nesta vida.

# O Padre Miguel Lencastre e São Nuno de Santa Maria, Patrono da Liga dos Combatentes



**José Geraldo**  
Coronel Inf.<sup>a</sup>

Quis o destino que, logo após concluirmos os dois últimos anos no Liceu do Pragal, em Almada, com o Cristo-Rei sempre presente, concorressemos à Academia Militar. Escolhemos a Arma de Infantaria, cujo Patrono é precisamente D. Nuno Álvares Pereira. Alguns anos antes de ser canonizado dedicamos-lhe um poema, o qual novamente transcrevemos, enquanto prece associada àquele momento em que tivemos a honra e o privilégio de presenciar. O poema foi redigido em Ribamar, freguesia de Santo Isidoro e concelho de Mafra, tendo o Oceano Atlântico como pano de fundo.

No dia 25 de Abril de 2009 embarcámos num avião com destino a Roma, na suma condição de peregrino, para

## “ÁLVAIRES PEREIRA CUMPRIU PORTUGAL”

Todos os dias se cumpre Portugal,  
Desde um sonho cristão, também guerreiro,  
Na Cruz que nos levou ao mundo inteiro;  
A Língua Portuguesa é Universal,

Une o Ocidental Mundo ao Oriental,  
Dos Oceanos fez só um verdadeiro,  
No Mar o Português foi sempre primeiro  
E na Terra sempre tentou ser celestial!

Fez o grande percurso à sua maneira.  
Heróis houve, que ficaram na História:  
Guerreiros, Santos, Poetas e a Padeira

De Aljubarrota traz viva memória  
Do Santo Guerreiro Álvares Pereira,  
Cumpriu Portugal – Filho da Vitória!



Padre Miguel Lencastre na Basílica de Ceuta (à direita, na foto).

assistirmos à cerimónia religiosa que ocorreria no dia seguinte e anunciou ao mundo mais um Santo português. Deste modo, aqui expressamos o nosso tributo a S. Nuno de Santa Maria Álvares Pereira, por ocasião da sua Canonização, em Roma, a 26 de abril de 2009, pelo Papa Bento XVI:

Quando viajámos no avião para Roma, conhecemos a D.<sup>a</sup> Margarida Lencastre, a qual envergava impecavelmente a farda de Escuteiro, percorrendo os corredores do avião e partilhando com todos os passageiros, orgulhosamente, a imagem daquele que estava prestes a ser o S. Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. O poema ia no bolso do nosso casaco e mostrámos-lho. Creio que quase todos os passageiros leram o poema. A força da imagem e das palavras criou uma forte amizade com o Padre Miguel Lencastre, irmão de Margarida, apóstolo da

NOVA EVANGELIZAÇÃO no Nordeste brasileiro e da Alma Mater da Fundação do Santuário de Olinda. Outro momento digno de recordar foi a ida de um grupo de amigos e familiares do mesmo Padre Miguel a Ceuta, entre os quais se contavam portugueses, brasileiros e angolanos. Esta viagem é igualmente memorável, pois levámos a imagem do S. Nuno de Santa Maria para Ceuta. Essa imagem encontra-se na Basílica de Ceuta desde 22 de agosto de 2012, onde, quase seis séculos volvidos, em 1415, foram armados cavaleiros os filhos de D. João I e de D. Filipa de Lencastre, pertencentes à Ínclyta Geração, cujo ato solene contou com a presença do Condestável D. Nuno Álvares Pereira. O poema juntou-nos até ao dia da sua morte<sup>1</sup>, pois sempre que o releio lembro com saudade o Padre Miguel Lencastre, o qual deve andar perto de S. Nuno pelo

Reino dos Céus a zelar pelas Alianças Fraternas, as quais definia como uma rede de amizade e amor, com a bênção de Deus. Oxalá este texto contribua para dilatar no tempo e no espaço o espírito das Alianças que tanto evocava. Mais tarde o Padre Miguel Lencastre juntou-se à Liga dos Combatentes para homenagear São Nuno de Santa Maria Álvares Pereira, Patrono da Liga dos Combatentes. O Núcleo de Mafra da LC recorda e associa-se à evocação do dia litúrgico do seu Patrono [06 de novembro], através do testemunho do seu Vice-presidente, Coronel José Geraldo.

<sup>1</sup> Nascido a 12 de junho de 1929 e falecido a 13 de Janeiro de 2014.



Em outubro de 2013, o Padre Miguel Lencastre, junto ao Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues, no Museu da Liga dos Combatentes, com o Patrono ao centro dos convidados.

## PATRONO DA LIGA DOS COMBATENTES FOI ENTRONIZADO EM 16 DE OUTUBRO DE 2013

No dia 16 de outubro de 2013, a Liga dos Combatentes (LC) comemorou o 90.º Aniversário da sua fundação, no Forte do Bom Sucesso (FBS), com a presença da Direção Central, Conselho Supremo, Funcionários e destacadas personalidades da nossa vida pública, social e cultural. A efeméride pautou-se pela realização de duas cerimónias de grande significado: uma de cariz religioso e outra de natureza cívica e cultural.

A cerimónia religiosa iniciou-se com a celebração da eucaristia, ao ar livre, presidida pelo padre Leone Orlando, Scalabitano, acolitado pelo padre Miguel Lencastre, da Schoenstat, e ainda pelos membros da Ordem dos Carmelitas, Frei Rogério, Frei Agostinho e Frei Silvério. De referir, também, a participação dos representantes dos irmãos da Ordem do Carmo que quiseram, com a sua presença, associar-se ao evento.

Antes da celebração eucarística, o Presidente da LC, TGen Chito Rodrigues, proferiu uma breve alocução para destacar e homenagear o nome daqueles que, há noventa anos, movendo obstáculos de toda a ordem, souberam reunir vontades e congregar apoios para criar e institucionalizar a LC, com propósitos altruístas e humanitários. Anunciou, também, que no decorrer daquela cerimónia se iria proceder à entronização de São Nuno de Santa Maria como Padroeiro da LC, na sequência de uma deliberação aprovada em reunião, de 19 de setembro de 2013, da Direção Central da LC. Enaltecendo a figura do Santo Condestável, cujas qualidades de Combatente, e de despojamento total dos bens materiais, em proveito dos seus companheiros antigos combatentes, o tornavam digno daquele ato de entronização, sendo uma honra para a LC tê-lo como padroeiro.

Depois de um almoço volante, servido nas instalações do Bar do FBS, seguiu-se uma sessão evocativa, na sala Aljubarrota, com a presença da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dr.<sup>a</sup> Berta Cabral. O Presidente da LC usou, mais uma vez, da palavra para agradecer a presença de tão ilustre convidada, aproveitando para fazer uma resenha histórica da origem da Liga e dos seus objetivos estatutários.

Por sua vez, aquele membro do Governo demonstrou durante a sua intervenção um profundo conhecimento da atividade da Liga, elogiando o seu desempenho no apoio aos Combatentes mais carenciados e suas famílias, considerando a Instituição Liga dos Combatentes um caso exemplar na concretização desse apoio e auxílio mútuo, para dignificação dos Combatentes.

Os membros da Direção Central da Liga dos Combatentes, responsáveis pelos Programas Estruturantes, fizeram uma apresentação sucinta de cada um deles, posto que se seguiu a assinatura de um protocolo, de âmbito social, entre Secretária de Estado da Defesa e a LC, tendo sido feito a entrega a Sua Excelência do cartão de associada nº. 171147 da nossa Instituição e contemplada com a oferta da medalha comemorativa dos 90 anos, do livro intitulado “Pensar o Combatente por Portugal - Século XXI”, dado à estampa nesta data, e de um Postal dos CTT, especificamente, editado para assinalar o ato festivo.

Aproveitou-se também, esta ocasião, para distribuir os prémios do concurso de fotografia, subordinado ao tema Olhares sobre o Forte do Bom Sucesso, aos primeiros classificados, concurso esse, que se encontrava a decorrer desde o princípio do ano.

Foram também distribuídos diplomas de apreço a todos os artistas plásticos, cujas obras tinham já sido expostas no FBS, e a funcionários da Liga dos Combatentes/Museu do Combatente. Houve, seguidamente, um pequeno interlúdio musical com fados de Coimbra, brilhantemente interpretados pelo Grupo Porta Férrea, que mereceu o aplauso de todos os presentes.

Finalmente a Dr.<sup>a</sup> Berta Cabral, o TGen Chito Rodrigues e demais convidados procederam à inauguração de duas exposições integradas no dia de aniversário, uma sobre Armaria e outra, patrocinada pelos Serviços Sociais da CGD, intitulada Fragmentos de Realidade.

E assim se assinalou a data comemorativa dos noventa anos da Instituição Liga dos Combatentes.

## Covilhã

### Exposição fotográfica de Combatentes

Passados que foram, 45, 50 ou 60 anos, o Dominguiço tem um Abrigo, onde os Combatentes de Angola, Guiné e Moçambique, mas também Índia e Timor podem finalmente encontrar-se e recordar o bem e o mal que passaram enquanto permaneceram nas frentes de combate das referidas províncias.

Foram cerca de 13 anos que durou esta guerra onde morreram milhares de militares.

Da nossa Aldeia, o Dominguiço, foram mobilizados para as respetivas províncias 70 militares. Felizmente não houve mortes. Como atrás referenciei, no espaço que nos foi cedido temos cerca de 3500 fotografias expostas, além de outros documentos pertencentes aos Combatentes, todos relacionados com o serviço militar.



Dez destes Combatentes já faleceram e esta exposição tem uma finalidade primeira que é prestar-lhes uma sentida homenagem. Também não pode-

mos deixar de agradecer à família Costa Pais, na pessoa de Ilda Costa Pais, que foi quem nos facultou o espaço para esta Exposição.

## Santarém

### Homenagem ao Marquês de Sá da Bandeira

No passado dia 06 de janeiro, à semelhança do que tem sucedido em anos anteriores, a Academia Militar realizou na cidade de Santarém uma cerimónia em homenagem ao seu Patrono, General Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, também conhecido como Marquês de Sá da Bandeira, antigo aluno da Academia Real de Artilharia Fortificação e Desenho, e fundador da Escola do Exército, ambas percursoras da Academia Militar. Cerimónia que foi presidida pelo Comandante deste atual Estabelecimento de Ensino Militar, Major-general Luís António Morgado Baptista.

Evento que teve início no Largo do Seminário, com a deposição de uma coroa de flores junto à estátua do Marquês de Sá da Bandeira, seguida duma alocução evocativa da sua personalidade, vida e obra. Cerimonial



que terminou no Cemitério Municipal de Santarém, com deposição de uma coroa de flores junto ao túmulo do Marquês de Sá da Bandeira, seguindo-se um minuto de silêncio e uma prece proferida pelo Capelão da Academia Militar, Reverendíssimo Padre, Coronel Borges da Silva.

À homenagem que marcou o 145º aniversário de falecimento de Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, Mar-

quês Sá da Bandeira, associaram-se seus familiares, bem como o Presidente da Câmara Municipal de Santarém, Dr. Ricardo Gonçalves, diversas personalidades desta cidade, uma delegação de Oficiais e Alunos da Academia Militar, assim como também o Presidente do Núcleo de Santarém da Liga dos Combatentes, Sargento-chefe de Cavalaria, Carlos José Rodrigues Sá Pombo.

## Ribeirão

### Distribuição de Cabazes de Natal

Pode dizer-se que o reconhecimento e a gratidão são um gesto sempre presente no Núcleo de Ribeirão da Liga dos Combatentes. À semelhança do ano anterior, esta instituição repetiu o gesto para que muitas famílias possam ter um natal mais aconchegado. Ferreira dos Santos é presidente da direção do núcleo de Ribeirão e já há muitos anos que reclama justiça para com quem teve que enfrentar a guerra no Ultramar. “Querer é Vencer” diz o presidente do núcleo, que viu a necessidade de ajudar quem precisa “começamos com quarenta e duas famílias de combatentes, incluindo também os soldados que passaram pela Índia”, referiu Ferreira dos Santos. Preocupado com os combatentes tem sempre o foco nestas famílias para que nunca fiquem desprotegidas. Um cabaz “que



é oferecido com amor e carinho e para que estas famílias possam sentir um pouco de conforto”, adiantou este responsável pelo Núcleo de Ribeirão. As famílias passam dificuldades “é com eles que agora me preocupo, aliás, nunca fugi a essa regra. Sou persistente, tenho a colaboração da Direção

Central da Liga, uma ajuda que tarda em chegar, já deveria ter acontecido há 60 anos”, conclui Ferreira dos Santos. Para além da cerimónia, que faz questão de realizar, deixou também palavras de alento a todos aqueles que deram a sua vida pela pátria portuguesa.

Fonte: famalicaocanal.pt

## Novos Heróis, Novos Sócios Combatentes

A Liga dos Combatentes informa todos os cidadãos que em território nacional participaram ou venham a participar em Missões de Segurança em situação de emergência, como tem acontecido durante a Pandemia (membros do Serviço de Saúde, Forças de Segurança, Proteção Civil e das Forças Armadas), têm direito, nos termos da alínea d) do N.º 2 do Artigo 5.º do Estatuto da Liga dos Combatentes, a fazerem-se membros da mesma, na categoria de Sócios Combatentes.

É com muito orgulho que os acolheremos no seio da nossa patriótica, humanitária e centenária Instituição.

O Presidente da Liga dos Combatentes  
Tenente-General Joaquim Chito Rodrigues

# José Maria Hermano Baptista

## O último Combatente da Grande Guerra

O meu pai foi o último combatente da primeira Grande Guerra, sócio da Liga. A sede era num edifício muito antigo, na Rua da Mouraria, onde também funcionava a esquadra da Mouraria. Ao cima duma ampla escada, decorada com extraordinários painéis de azulejos, existia uma antiga porta em madeira, com a indicação “Liga”. Um “Velhote”, também antigo combatente, era o funcionário. A última vez que lá fui, já ninguém abriu a porta. O antigo combatente tinha falecido. Mais um elo da frágil cadeia, que se quebrava. Passaram os anos, o meu pai passou a pertencer ao núcleo de Sintra, onde combatentes doutras guerras começaram a encontrar refúgio e local para ver os antigos camaradas. Mais de uma vez me contou que não compreendia a razão da forma como todos o tratavam, como era bem-recebido e por todos acarinhado. Sentia-se um simples combatente, talvez um pouco mais velho, mas igual a todos os outros.

A Direcção do núcleo de Sintra foi sempre duma amabilidade e amizade inexcedíveis para com os meus pais. Muitas vezes os iam buscar a Mem Martins, onde moravam, quer para almoçar, quer para dar um passeio. Eu e o meu irmão trabalhávamos e só os podíamos visitar ao fim de semana. E assim se foram passando os anos. Em dezembro de 2002, pelo Natal, o meu pai faleceu vítima de uma pneumonia, a escassos meses dos 108 anos. A minha mãe tinha falecido 10 anos antes, perto dos 90 anos. Por insistência minha e da minha mãe lá se decidi a escrever as memórias, para que os quatro netos ficassem a saber “Como foi a vida dum soldado na guerra”.

Metódico como era, com uma mente muito bem organizada, uma memória

excepcional e uma lucidez extraordinária, valendo-se dum pequeno Diário em que ia escrevendo o dia a dia durante a estadia nas trincheiras, até ao dia 9 de abril, quando foi gravemente ferido e aprisionado. O texto, dum realismo impressionante, e com uma caligrafia irrepreensível, escrito na primeira pessoa, teve como guião aquele diário, desde a recruta em Mafra, até ao dia 9 de abril de 1918, não necessitou de qualquer revisão, alteração ou correcção – todas as datas, nomes, e acontecimentos estão correctos. Até as alcunhas de alguns oficiais lá aparecem. Tudo numa prosa fluente, natural, sem hipérbolos nem fantasias.



**Foi dado como desaparecido, e só semanas mais tarde, a Cruz Vermelha, através da sua congénere britânica soube do seu paradeiro.**

No dia 9 de abril, com o posto de segundo sargento comandava uma secção de metralhadoras nas primeiras linhas. Pouco tempo antes tinha sido despromovido para cabo, por se ter recusado a fazer continência a um “se-



nhor capitão que por lá apareceu, todo aperaltado e engraxadinho”. Tinha passado a noite no parapeito, estava extenuado. “Passe por cá um dia em que haja combates e faço continência”. Pouco depois foi promovido a segundo sargento por distinção.

No dia 9 de abril todos os componentes daquele pequeno grupo, ainda nas primeiras linhas, se salvaram, mas o meu pai ficou ferido com gravidade, por estilhaços. Todos foram aprisionados, o meu pai foi bem tratado pelos alemães, passou por diversos hospitais, tendo por fim sido transferido para um campo de detenção, onde já se encontravam algumas centenas de portugueses, franceses e britânicos.

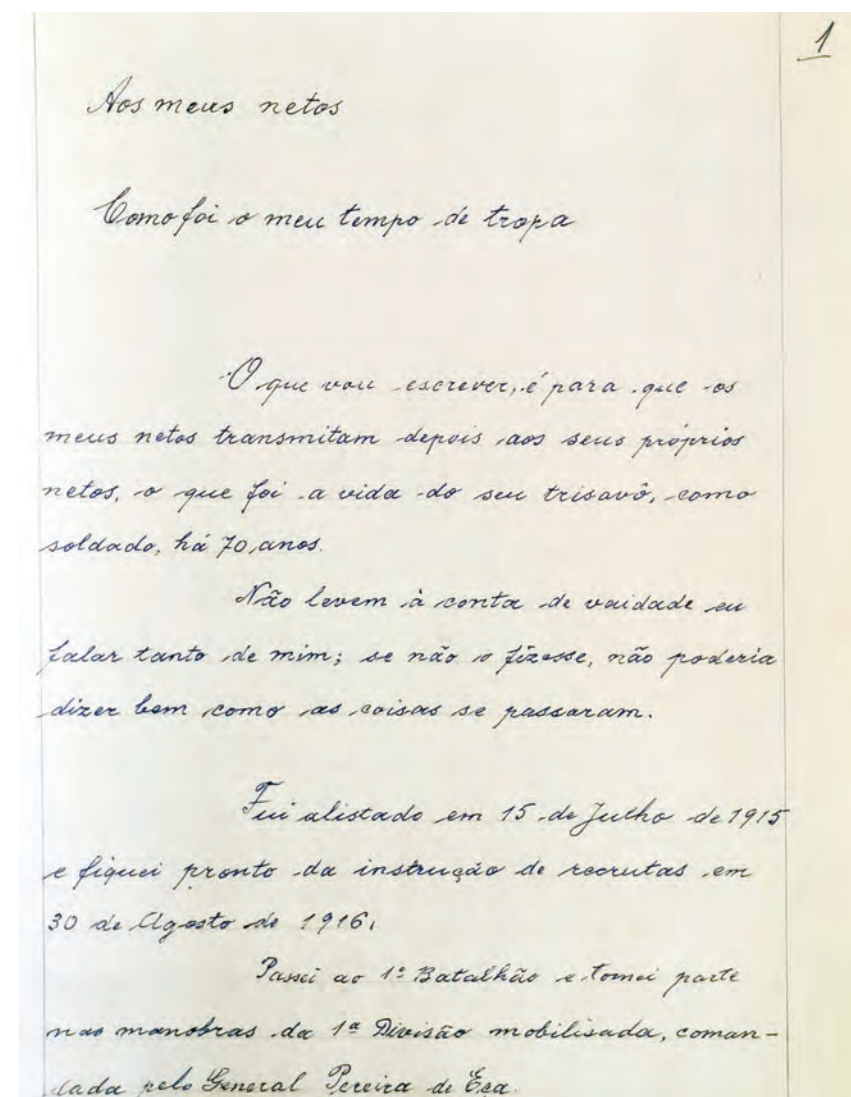
Afinal, escreveu ele, os alemães não são aqueles inimigos ferozes que nos disseram quando partimos para França. São, somente, adversários. Foi dado como desaparecido, e só semanas mais tarde, a Cruz Vermelha, através da sua congénere britânica soube do seu paradeiro. Nos últimos meses da guerra, grassava em toda a Alemanha uma terrível fome e no campo tanto prisioneiros como guardas, em geral soldados alemães com idades avançadas, tinham pouca comida.

Os britânicos, contudo, recebiam, através da sua Cruz Vermelha alimentação permanente, e repartiam uma parte com os camaradas portugueses. De cá, nunca foi nada. Acabada a guerra, em novembro de 1918, as sentinelas abriram as portas. Britânicos e franceses foram de imediato transportados para os respetivos países. Sobraram os portugueses, completamente abandonados à mercê do destino. É que, entretanto, em Lisboa, tinha havido uma mudança de partido no Governo, e, possivelmente, a necessidade de “reorganizar” sabe-se lá se com novos “boys” o elenco parlamentar.

Os portugueses decidiram partir, a pé, para a Holanda, país neutral. E assim fizeram. Foram bem-recebidos, alimentados e agasalhados pela população. Só em fevereiro de 1919 um navio britânico os transportou de volta a Lisboa, quase 4 meses depois da guerra ter terminado!►



José Maria Hermano Baptista com 100 anos de idade. À direita na foto, o seu sobrinho e afilhado Prof. José Hermano Saraiva



Primeira página do livro de memórias escrito em 1986 deixado aos seus netos e bisnetos



Apresentação do livro «José Maria Hermano Baptista - Um Herói na Primeira Guerra Mundial», na sede da Liga dos Combatentes, em 2006

Histórias da nossa história, pouco contadas, de preferência esquecidas, mas que se vão repetindo, quando surgem situações que requeiram coragem, competência, trabalho, sentido de Estado, e também, alguma inteligência.

Quando completou 100 anos, em 1995, mandei fazer um fac-símile do texto, encadernado, que ofereci ao Comando da então Escola Prática de Infantaria, onde o meu pai tinha feito a recruta antes de ir para França. Foi-lhe, nessa ocasião, prestada uma homenagem em que participei toda a oficialidade e todas as praças. Embora fosse muito contido nos seus sentimentos, ficou deveras emocionado. Foi uma surpresa que tanto ele como eu ignorávamos e que deveras nos comoveu.

Em abril de 2002 para comemorar aquela fatídica data, teve lugar na EPI, em Mafra, uma exposição de fotogra-

fias alusivas à batalha de La Lys. Nessa altura, estava presente, entre muitos oficiais, o então Tenente-coronel, José Geraldo, que teve a feliz ideia de publicar um livro sobre as memórias do meu pai. A apresentação foi na sede da Liga dos combatentes, e posso dizer que

Assim faleceu o último militar português da primeira Grande Guerra. O último combatente inglês teve um funeral nacional, o mesmo tendo sucedido com o último veterano francês.

foi um êxito, a que infelizmente o meu pai já não pôde assistir. Está sepultado no talhão dos combatentes do cemitério de S. Marçal, em Sintra. Devo ao núcleo de Sintra da Liga dos combatentes o grande apoio que me deram naqueles dias sombrios de dezembro de 2002. Conforme desejo expresso do meu pai, o caixão foi coberto com a bandeira nacional.

Assim faleceu o último militar português da primeira Grande Guerra. O último combatente inglês teve um funeral nacional, o mesmo tendo sucedido com o último veterano francês. Ambos tiveram uma pensão dos respectivos governos, ambos tiveram um justo reconhecimento público.

Um país que não honra a sua História, que não acarinha nem respeita as suas Forças Armadas dificilmente sairá da mediocridade.

Manuel José Baptista



# Ofereça vinho La Lys



- 1 garrafa de vinho tinto reserva
- 1 garrafa de vinho tinto regional
- 1 garrafa de vinho branco regional
- 1 chouriço tradicional 0,180kg
- 1 painho 0,300kg

27,06€



Tinto Reserva + Branco Regional + Tinto Regional

15,81€



Tinto Reserva + Branco Regional + Painho 0,300Kg

15,99€



Tinto Reserva + Branco Regional

11,99€



vinho licoroso

15,50€

500ml



vinho tinto red wine reserva

Cx. c/6 garrafas 29,16€ 750ml



vinho tinto red wine colheita selecionada

Cx. c/6 garrafas 18,96€ 750ml



vinho branco white wine colheita selecionada

Cx. c/6 garrafas 16,98€ 750ml



frisante rosé sparkling rosé colheita selecionada

Cx. c/6 garrafas 14,76€ 750ml



frisante branco sparkling white colheita selecionada

Cx. c/6 garrafas 14,76€ 750ml

Faça a sua requisição e pagamento, junto do Núcleo da Liga dos Combatentes da sua área de residência





## Tenente-General José Luís Almiro Canelhas



Faleceu no passado dia 18 de janeiro, o TGen José Luís Almiro Canelhas. Frequentou o Colégio Militar e tirou os preparatórios militares na Universidade de Coimbra; foi incorporado na Escola do Exército em 1945. Concluiu o curso de Infantaria na EPI, em 1948. Prestou serviço na EPI, Batalhão de Metralhadoras 1, Escola do Exército, 3.ª DGME, 2.ª Rep/EME, tendo formado e chefiado o primeiro órgão de ação psicológica do Exército; no EME, Chefe da 2.ª e da 1.ª Rep. Tomou parte nas Manobras anuais, em 1957 e 1958, no Campo Militar de Santa Margarida. Frequentou os cursos de Comandante de Companhia, Geral de Estado-Maior e Complementar de EM, tendo ingressado no Corpo de Estado-Maior em 1965.

Cumpriu 3 comissões no Ultramar: Moçambique (1955-57), Comandante da 5.ª Companhia Indígena (Mutarara) e no RI 2 (Beira); Estado da Índia (1959-60), Chefe da 2.ª Rep/QG; e Moçambique (1969-71), no CCFAM, Chefe da Repartição de Ação Psicológica. Frequentou na Argélia o curso de Pacificação e Contra-guerrilha, junto do Exército francês. Como Coronel foi Comandante do RI Tomar, que participou no 25 de Novembro. Promovido a Brigadeiro, foi Chefe de Gabinete do General CEME e Comandante da 1.ª BMI; como General foi Ajudante-general do Exército e membro do CSDE. Transitou para a situação de Reserva em 1984, continuando como Presidente do CSDE. Tem averbado 19 louvores, sendo 1 de MDN, 6 de General CEME, 6 de outros oficiais gerais; foi agraciado com a Ordem Militar de Avis (Oficial e Comendador); e condecorado com 4 medalhas de Serviços Distintos (Ouro; Prata com palma e 2 de Prata, Mérito Militar (1.ª e 2.ª classes), D. Afonso Henriques (1.ª classe), Comportamento Exemplar (Ouro e Prata) e Comemorativas das Expedições à Índia e a Moçambique, com as respetivas legendas; também agraciado com a Grã-Cruz de Mérito Militar, com distintivo branco, de Espanha.

Foi colaborador da Revista Militar, Nação e Defesa e Revista dos Antigos Alunos do Colégio Militar; proferiu, ao longo de 40 anos, conferências sobre guerra revolucionária, estratégia psicológica e propaganda política. 

Foi colaborador da Revista Militar, Nação e Defesa e Revista dos Antigos Alunos do Colégio Militar; proferiu, ao longo de 40 anos, conferências sobre guerra revolucionária, estratégia psicológica e propaganda política. 

## Tenente-General Ricardo Fernando Ferreira Durão



Faleceu no passado dia 22 de janeiro, o TGen Ricardo Fernando Ferreira Durão. Foi um destacado militar na Guerra do Ultramar e no decorrer da democratização de Portugal. Promovido a Alferes em 1950, e a Coronel, em 1974. Cumpriu várias comissões no Ultramar, sendo, no posto de Capitão e no início da guerra em Angola (1961/63) condecorado com a Medalha de Valor Militar com Palma e promovido, por distinção, ao posto de Major.

Nos teatros de operações, incluindo a Guiné, seria ainda condecorado com mais duas Medalhas de Serviços Distintos com Palma. Foi também agraciado com a Ordem Militar de Avis, Medalhas de Serviços Distintos (2), Medalhas de Mérito Militar (2), além de outras condecorações e louvores, incluindo uma Comenda da Ordem de Mérito Militar do Brasil.

Além das suas atividades militares, foi praticante desportivo em várias modalidades (atletismo, rugby, futebol, voleibol, basquetebol, hipismo e esgrima), campeão escolar em salto em altura, em 1945, campeão universitário em 110 metros barreiras e 400 metros em 1949,

sagrando-se campeão nacional em 110 metros barreiras. Fez parte da seleção nacional em atletismo, tendo participado nos Jogos Olímpicos de Helsinquia/1952 em pentatlo moderno e no campeonato Europeu em pentatlo militar em França, em 1955. Após o 25 de Abril de 1974 foi delegado da Junta de Salvação Nacional no Ministério do Trabalho e delegado na Assembleia do MFA, eleito pela Região Militar de Tomar.

Ricardo Durão foi promovido a Brigadeiro (atual MGen) em 1978 e nomeado Comandante da então Região Militar do Sul, após ter sido arbitrariamente detido em 1975, na sequência do 11 de março. Em 1983 atingiu o posto de General, sendo depois Diretor da Arma de Cavalaria, Governador Militar de Lisboa e Juiz Vogal do Supremo Militar.

Passou à situação de reforma em 1995. Ao longo dos anos publicou, algumas vezes, artigos de opinião/denúncia no "Expresso" e foi autor de duas obras: "Nunca Esquecerei... O que não foi contado nas comemorações dos 40 anos do 25 de Abril. E não só..." /2014, com prefácio do Professor Marcelo Rebelo de Sousa; e "A Minha Vida" /2017. Ambos editados pela Seda Publicações/Porto. Apresento os meus sentimentos aos seus filhos e ao Coronel Roberto Durão e restante Família. Que descanse em Paz.

Cor. Manuel Bernardo 

## Contra-Almirante Rogério Silva Duarte Geral d'Oliveira



Faleceu no passado dia 7 de janeiro de 2021, o CAIm Rogério Silva Duarte Geral d'Oliveira. Como engenheiro construtor naval, na década de 1960, foi responsável pelo projeto das corvetas classes «João Coutinho» e «Baptista de Andrade».

Foi autor dos projetos para a construção e reprodução das caravelas «Bartolomeu Dias», «Boa Esperança», «Vera Cruz» e da réplica da «Nau Quinhentista», que se encontra fundeada desde 2007 nas águas do rio Ave, em Vila do Conde. Foi consultor no processo de compra pelo Estado Português dos submarinos classe Tridente.

Outro conhecido projeto foi do paquete Funchal, construído em 1961. Rogério d'Oliveira também se notabilizou como presidente da Academia de Marinha, exercendo esse cargo entre 1985 e 2004.

Foi membro do Conselho Supremo da Liga dos Combatentes. 

## Major-General Jasmins de Freitas



Mensagem de pesar, partilha e evocação de um grupo de ex-Oficiais Milicianos da EPI

Somos um grupo de ex-oficiais milicianos e conhecemos na Escola Prática de Infantaria o então Major Jasmins de Freitas.


Temos idade para saber que não há palavras que possam aliviar a dor pela perda de um pai, nem têm esse intuito estas nossas palavras. São palavras de pesar, mas são também palavras de partilha e de evocação.

Estivemos no Exército num tempo em que o serviço militar se media em anos. Era um golpe considerável nos nossos planos de vida, mas permitia, por outro lado, uma experiência suficientemente longa para criar e cimentar amizades.

Nesse tempo de guerra, aprendemos que, mais do que saber comandar ou obedecer, era primordial confiar. A confiança em todos os que nos acompanham é o cimento do espírito

de corpo, uma qualidade essencialmente militar. O nosso comandante Jasmins de Freitas era um homem em quem se podia confiar. Era, também, um homem que confiava. Ao receber na EPI, em 1967, uma dúzia de aspirantes milicianos que ele tinha escolhido pessoalmente, lembrou esse pormenor e acrescentou: «Agora, vejam lá se não me deixam ficar mal». Nenhum o deixou ficar mal. Nem os dessa incorporação, nem os de outras incorporações. Muitos de nós tivemos a oportunidade de manter contacto com o comandante Jasmins de Freitas para lá do serviço militar obrigatório, em diversas ocasiões. A título de exemplo da nossa relação de amizade, lembramos o facto de as suas primeiras estrelas de brigadeiro lhe terem sido oferecidas por ex-oficiais milicianos durante um almoço na Escola Prática de Infantaria.

As nossas vidas continuarão a ser tocadas pela memória do Major-general Jasmins de Freitas, tanto pelas qualidades de grande chefe militar como pela nobreza e generosidade do seu carácter.

E a essa memória não deixaremos de brindar no nosso próximo encontro de antigos oficiais. Adolfo Bexiga, Alexandre Oliveira, António Barbino, António Cardoso, António Carneiro, António Silva, Carlos Fresco, Carlos Nascimento, Carlos Ventura, Daniel Gouveia, Faustino Hilário, Fernando Belo, João Gonçalves, Joaquim Falcão, José Croca, Manuel Brito, Nicolau Amaral, Paulo Achmann, Luís Nunes, Rui Alvarez, Vítor Aguiar e Vítor Fernandes. 

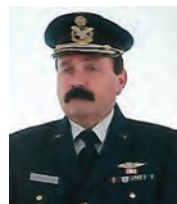


A Liga dos Combatentes apresenta as suas condolências a todas as famílias enlutadas pela perda de entes queridos, membros da nossa instituição.

# Evocação do Centenário

## Chegada do Soldado Desconhecido a Portugal

(1921-2021)



**Jorge Manuel Ferreira Pimenta**

Coronel/Navegador

Vogal Bibliotecário e Diretor do Museu

9 de abril de 1918, milhares de soldados portugueses, integrados no Corpo de Exército Inglês, na Flandres (França), entrincheirados, aguardam ansiosamente, que nesse dia, possam ser rendidos. Na madrugada, tentando penetrar naquela frente, uma massiva força alemã avança contra as tropas inglesas e o Corpo Expedicionário Português (CEP), que surpreendido pelo violento ataque, luta, pelo menos, o suficiente para as tropas aliadas reagruparem, gorando as intenções germânicas, não sem que pesadas baixas tenham fustigado o contingente nacional. Este embate, Batalha de La Lys, marcou definitivamente a participação Portuguesa na Grande Guerra, quer pelos sinais físicos e psicológicos deixados naqueles jovens soldados portugueses, quer pelo contributo dado para frustrar os intentos germânicos, na frente europeia do conflito que foi também esgrimido em África e cujo *terminus* simbólico aconteceu a 11 de novembro de 1918, com a assinatura do Armistício.

Passado cerca de um ano do final deste cruel conflito as Nações Aliadas iniciam um processo de exaltação da memória coletiva, relativamente aos seus combatentes, caídos nos ensanguentados campos de batalha, exumando alguns corpos, dando elevadas honras a esses guerreiros sem nome,

“Soldados Desconhecidos”, merecedores de destaque como símbolos do conjunto de homens que tudo deram pelas suas Pátrias. Começado em França e na Grã-Bretanha, seguiu-se num conjunto de países, nos quais se incluiu Portugal. Por ordem do Governo, em março de 1921, iniciaram-se contactos diplomáticos a fim de ser exumado um combatente português caído na frente europeia, bem como, foi determinado o levantamento de um combatente, malgrado na frente africana, ficando assim representados todos os combatentes lusos intervenientes no conflito. Simultaneamente, a Câmara dos Deputados declara, 9 de Abril de 1921, como feriado nacional.

Completadas as formalidades, no final de março, é velado em câmara ardente, na cidade francesa Le Havre, o “Soldado Desconhecido”, memoriando os combatentes nacionais no Teatro Europeu. Embarcado no navio “Porto”, chegou a Lisboa, no dia 6 de abril.


Em paralelo decorreram procedimentos semelhantes para o fétetro, com os restos mortais do “Soldado Desconhecido”, honrando os combatentes nacionais no Teatro Africano, vindo de Moçambique, foi conduzido no navio de transporte inglês *Britton*. Desembarcado no Funchal, a 30 de março, ficou em câmara ardente, até 3 de abril, data de embarque no cruzador República, para Lisboa, sempre com enorme respeito e gloriosa aclamação do Povo anónimo e de várias entidades.

A 6 de abril de 1921, os corpos são transportados para o Arsenal da Marinha com elevado cerimonial e enorme acompanhamento público e de vários dignatários da Nação.

No dia seguinte, 7 de abril, foram os dois corpos transportados, em cortejo,

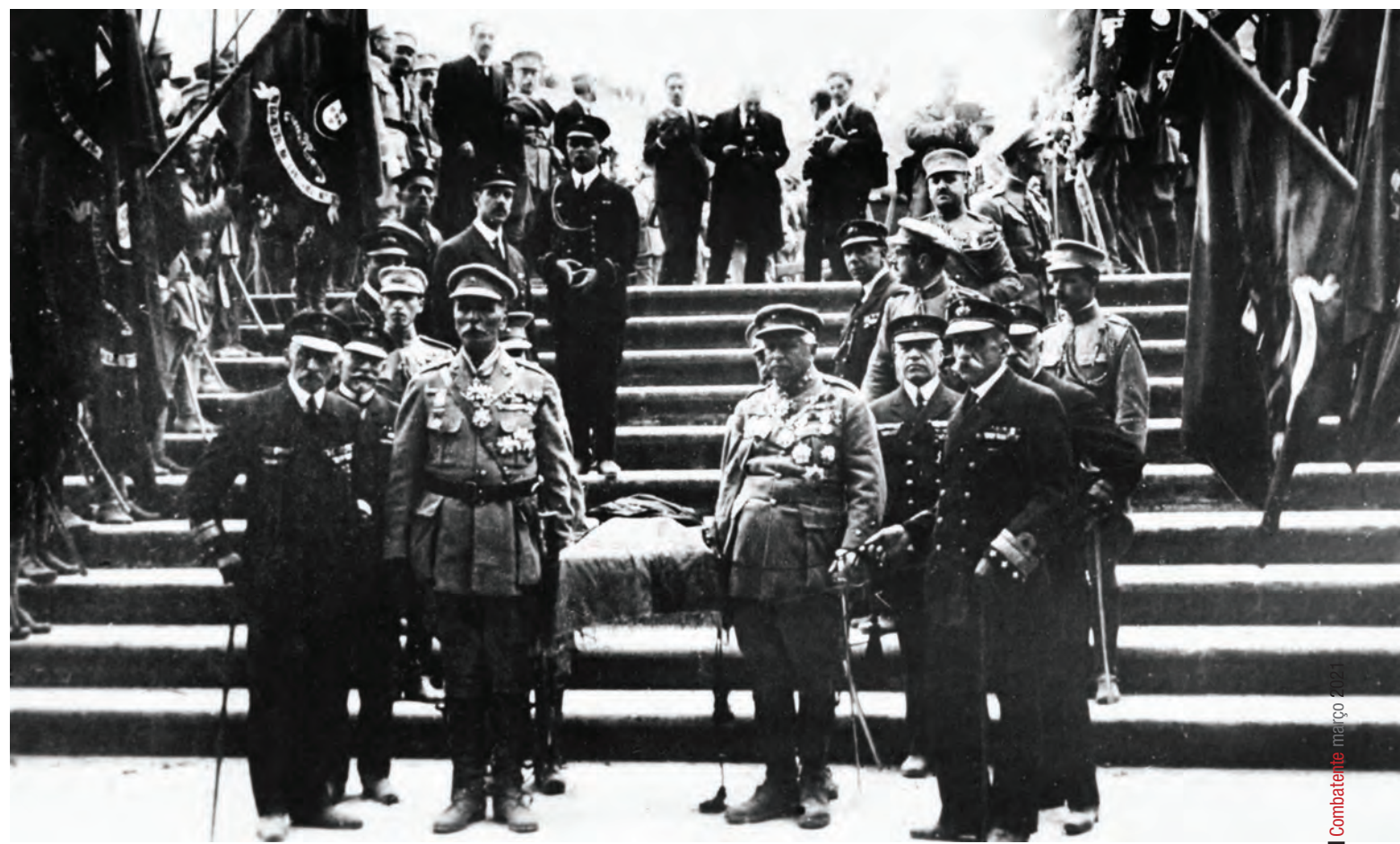
para o Palácio do Congresso (Palácio de São Bento) recebendo honras e merecidas homenagens do Presidente da República e de outras entidades nacionais e estrangeiras. Neste próprio dia, reunido em sessão, o Congresso, após breve introito do Presidente deste órgão, António Xavier Correia Barreto, aclama veemente o laudo aos “Soldados Desconhecidos”, dito em forma de discurso solene por Sua Excelência o Presidente da República.

Passados dois dias, 9 de abril, iniciam-se as cerimónias de transladação dos “Soldados Desconhecidos” para o seu descanso eterno, no local escolhido, o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, na Batalha. Saindo do Palácio do Congresso, o cortejo cerimonial dirigiu-se à Basílica da Estrela. Celebrada a missa, com intervenção do chefe dos capelães do CEP, na Flandres, D. José do Patrocínio Dias, Bispo de Beja, dirigiu-se o cortejo à estação ferroviária do Rossio, onde embarcaram com destino final à Batalha. Ali chegados, foram objeto de honras militares e louvação perante vários altos representantes nacionais, nomeadamente o Presidente da República, António José de Almeida, do Bispo de Leiria e ainda delegações estrangeiras chefiadas por oficiais generais de Espanha, E.U.A., França, Grã-Bretanha e Itália.

Concluídas as exéquias ficaram inumados estes dois desconhecidos combatentes, na Sala do Capítulo, do Mosteiro de Santa Maria da Vitória, monumento construído em memória da Batalha de Aljubarrota, numa simbólica simbiose, com a memória de guerreiros passados, a resiliência e a capacidade de realização do nosso Povo. Cem anos depois continuamos a homenagear a sua memória. 



O cortejo que acompanhou os restos mortais dos Soldados Desconhecidos desfilando em frente à estação do Rossio, Lisboa



Chegada dos restos mortais de um dos Soldados Desconhecidos ao Mosteiro da Batalha

# 1961 - 60 anos depois recordando o meu Natal na Guerra em Angola



**Fernando Reis Lima**

Alf Mil<sup>o</sup> Médico em 1961/63

As vivências dos momentos passados na época de 1961/63, na prestação do Serviço Militar obrigatório, durante a comissão militar em que fui mobilizado para a guerra em Angola, são marcos indelévels e recordações inapagáveis na minha memória, que persistem e persistirão, enquanto me for dado viver e recordar...

O Natal de 1961, ano em que cheguei a Angola, foi muito especial pelos motivos que me são dados lembrar...

Estava isolado na localidade de Quicabo, embora estivesse acompanhado pelos soldados da Companhia de Caçadores, do Comando e Serviços 114 e ainda pelos militares de outras companhias, anexas ao Batalhão de Caçadores 114, de que eu fazia parte como médico.

Tinha muitas vezes por companhia e ocasionalmente naquele dia, quando estacionava no Comando de Batalhão, o meu companheiro nas boas e más horas da guerra, o Alferes - Padre Carlos Mesquita, com quem sempre compartilhava as instalações e alojamento no Posto de Socorros do Comando do Batalhão.

Na véspera do Natal desse ano, entendeu por bem o Comando, de empreender uma operação de procura e combate nas imediações de Quicabo, não só para destruir zonas em que estavam os terroristas (como eram designados os nossos inimigos) mas também para que os militares, naquela simbólica data tivessem o espírito ocupado com a ação que iam desenvolver e não saudosamente pensassem na Família, namoradas ou amigos que tinham deixado no Continente Europeu.

Ficaram, somente, naquele dia na sede do Comando os militares necessários para garantir a defesa próxima, em caso de ataque, além do pelotão de morteiros que guardavam as quatro peças de 10,5 que estavam adstritas ao Batalhão. Durante todo esse dia com intervalos aleatórios foram feitos bombardeamentos para zonas previamente determinadas para serem atingidas pela artilharia. Fiquei

no Posto de Socorros com o pessoal sanitário, com os doentes com paludismo, e sempre de prevenção à eventual necessidade de receber feridos em combate, como era habitual acontecer no dia-a-dia.

Logo após a saída dos diversos grupos de militares, comandados respetivamente pelo tenente oficial do quadro permanente Cruz Silva e alferes mil<sup>o</sup> de infantaria Escalreira, resolveu o sacerdote alferes capelão Padre Carlos Mesquita celebrar a missa do dia, como habitualmente costumava fazer, com a presença de alguma e da pouca assistência constituída pelos militares disponíveis de momento.

Nunca mais esqueci que assistiram nesse dia à celebração somente o soldado-sacristão e eu, pois todos os outros militares estavam ocupados em patrulha, guarda de sentinela, no posto de telegrafia, cozinha, enfermaria, enfim cumprido as suas obrigações e missões operacionais...

Logo após a celebração, interrompida permanentemente pelos disparos dos obuses de 10,5 visitei, como habitualmente fazia, os postos/trincheiras que serviam de alojamento aos soldados da Companhia de Comando e Serviços, acompanhado pelo enfermeiro furriel Fonseca, pois muitos militares doentes, normalmente com acessos ligeiros de paludismo ficavam nas suas instalações, pela natural falta de espaço disponível na improvisada enfermaria.

Na véspera de Natal tivemos «rancho melhorado», com o tradicional bacalhau cozido com batatas e habituais acompanhamentos, com extra de ração mais generosa de vinho e rabanadas para todos.



**Até à hora da ceia não tivemos feridos a lamentar. O fogo dos obuses manteve-se intermitentemente durante todo o dia e mesmo durante a noite, não deixando ninguém dormir.**

Até à hora da ceia não tivemos feridos a lamentar. O fogo dos obuses manteve-se intermitentemente durante todo o dia e mesmo durante a noite, não deixando ninguém dormir. O intuito desse procedimento era de deixar o inimigo na an-



Vista aérea do quartel de Quicabo - Foto: Víctor Martins, 1968

gústia de quando seria novamente bombardeado, segundo me informou o comando. Julgo, no entanto, que o trauma era maior para nós, que estávamos sempre à espera de ouvir o estrondo causado pelos disparos intermitentes, do que para os nossos inimigos!

De madrugada, quando ainda estava ainda dormitando a descansar, ouvi um ruído estranho, a choco, completamente diferente do estampido habitual dos disparos da artilharia acompanhado de gritos, alertando-me e pressionando-me de imediato a saltar do catre para me inteirar do que tinha acontecido.

Uma granada tinha explodido à boca da peça de artilharia, espalhando estilhaços por todo o acampamento e, o que é o destino, tendo um deles atingido na cabeça, somente o único soldado que não tinha o capacete de aço colocado, como era obrigatório sempre que se fazia fogo de artilharia. Algumas das barracas, tendas e trincheiras foram atingidas por fragmentos de ferro da munição, mas miraculosa, e mesmo assim lamentavelmente, só o referido militar foi atingido por um dos muitos estilhaços.

Trouxeram-me o ferido nos braços de alguns dos seus camaradas de armas, banhado em sangue.

Procedi ao tratamento provisório, não retirando o pedaço de ferro encravado na calote craniana. O militar estava a sangrar, confuso e queixoso como seria de esperar. Foi evacuado para o Hospital Militar de Luanda, algum tempo depois, tendo sido operado por um neurocirurgião. Ficou

com lesões neurológicas permanentes, tendo sido mais tarde transferido para o Hospital Militar de Lisboa, passando à disponibilidade como fui informado.

O dia de Natal continuou tormentoso.

Tive de prestar assistência a alguns feridos resultantes de combate após emboscada feita às nossas tropas durante a deslocação de uma patrulha no itinerário de Quicabo para Nambuangongo na zona de ação, à época, do Batalhão 114.

Só tivemos a lamentar naquele dia, algumas baixas de alguns dos nossos militares por ferimentos sem sequelas permanentes felizmente, ocasionadas por armas de fogo.

Um Natal único e para os militares do Batalhão 114, felizmente irrepetível, que passou a fazer parte das nossas memórias da guerra em Angola, para lembrar e não esquecer a que associo os natais, passagens de ano e feriados que passei, quando me competia estar nesses dias de serviço, no Serviço de Urgência do Hospital de S. João onde trabalhei após o regresso da comissão militar para que fui mobilizado.

Recordo sempre e também, associada a esta memória da guerra, um Natal que passei, juntamente com alguns colegas a tratar cirurgicamente acidentados de grave desastre de viação, não podendo estar com a Família.

Recordações da vida de um cirurgião...

## CEMGFA oferece imagem do Cristo do Capim à Igreja da Memória

### Da Trincheira ao Capim

Mas quando o perigo mina  
E a morte mora ao lado,  
Companhia é Divina  
E o Cristo é chamado.  
Seja Cristo das Trincheiras,  
Seja Cristo do Capim  
Seja falsa ou verdadeira  
É a Fé que fala assim.

Joaquim Chito Rodrigues  
*in Caminhos... dos Valores, da Guerra e da Paz*



Todo o soldado que combate na frente coloca, nas mãos do Altíssimo, a proteção da sua vida e a integridade moral e ética da sua conduta. Ambas são importantes: a vida porque é dom de Deus. E é ela que nos permite amar, servir, sonhar, enfim ser e existir; e é também a vida que consente ao soldado que sobrevive à guerra de regressar para juntos de quem ama, tantas vezes com a alma rasgada de feridas difíceis de sarar e, com frequência, com o corpo, ou partes dele decepidos.

Mas o soldado necessita igualmente de salvaguardar a sua incorruptibilidade moral e ética porque, em combate,

é fácil ultrapassar determinados limites, é fácil resvalar na inumanidade... Por isso, quem atuou ou atua numa frente de batalha, entrega com naturalidade e espontaneamente, a sua vida, a justiça dos seus atos e a retidão do seu agir naquele Cristo que o soldado sente a seu lado, a caminhar com ele, e a envolvê-lo com o manto da Sua divina graça.

Foi na senda desta mística que, inspirada no poema do General Chito Rodrigues, a artista plástica Ivone Gaipi esculpiu o Cristo do Capim, recorrendo

à técnica do body casting, isto é, baseando-se em moldes reais do corpo humano, associando a pintura e símbolos. E assim, neste dia 24 de fevereiro de 2021, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Manuel Fernandes da Silva Ribeiro, ofereceu à Igreja da Memória, Sé da Diocese das Forças Armadas e das Forças de Segurança, o Cristo do Capim. Na singela cerimónia de bênção da Imagem, presidida por D. Rui Valério, foram evocados todos os que serviram Portugal no trágico conflito.

## 25 anos sobre a 1.ª missão na Bósnia e Herzegovina / IFOR 1996

início de Março – dia 1 – tinha começado com dois sargentos a serem feridos pela explosão de uma mina no decurso de uma patrulha na neve – o Oliveira e o Dias – que o destino quis fosse coisa simples. Podia não ter sido, não morreram porque não tinha de ser. As características deste tipo de missão ainda nos iriam trazer mais dissabores.

Mas a operação “Joint Endeavour” continuava em toda a Bósnia e Herzegovina e no sector do batalhão português, o pessoal não parava! As vetustas Chaimites tinham de andar, mesmo que necessitassem de muita manutenção e fossem quase insuportáveis de operar naquele clima. Era o que havia, tinha que servir!



Miguel Machado

# OS FALCÕES DE LONA

## A AVIAÇÃO NA GRANDE GUERRA 1914/8

— A Águia Lusitana — Oscar Monteiro Torres —

Em consequência do golpe militar de fins de 1917, desferido por Sidónio Pais, tido como simpatizante do Império Alemão, o Ministro da Guerra, General Freitas Soares, determinou que todo o pessoal da aviação do Corpo Expedicionário Português, deveria regressar de imediato à pátria...

No entanto, 13 aviadores portugueses preferiram continuar no serviço activo, sendo de todos o mais destacado, o capitão Oscar Monteiro Torres, que já servira no 10th Squadron do Royal Flying Corps, tripulando um "dois-lugares BE-2D, baseado em Shoques (Betune)...

A amizade que o aviador português desenvolvera com Georges Guynemer quase o colocou na famosa Escadrille des Cigognes – a SPA 3 – mas a morte daquele célebre aviador gaulês poucos dias depois, impediu a sua transferência. Mas Monteiro Torres ingressou então numa outra não menos famosa, a SPA 65, então sediada em Soissons...

O intrépido piloto português manobrou com audácia e destreza, conseguindo abater um dos perigosos triplanos inimigos, mas um deles tinha-o já apanhado pela rectaguarda, metralhando-o sem cessar e impiedosamente...

A 20 de Novembro de 1917 travou o seu primeiro combate aéreo, como piloto de caça, sobre o célebre Chemin-des-Dames – a zona mais perigosa da frente ocidental...

Monteiro Torres avistou um Halberstad - um avião blindado alemão - que fazia orientação de tiro para a artilharia germânica. Como um falcão descendo sobre a sua presa, o português caiu sobre ele, derrubando-o com uma rajada das suas metralhadoras. Mas logo se viu atacado por um grupo de Fokkers...

Apesar de ter conseguido abater mais um dos Fokkers, Torres, alvejado pelas costas, caiu no campo da honra com o seu Spad XIII, envolto em chamas...

Óscar Monteiro Torres

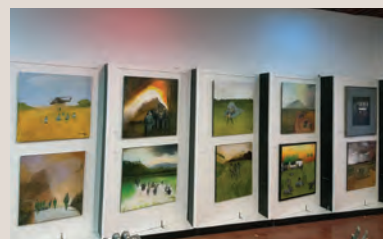
JOSE Pires/21



### Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

Inauguradas em 11 de Novembro duas novas exposições temporárias: De pintura, de Domingos Camponês, da Grande Guerra às Operações de Paz, incidindo sobre a Guerra do Ultramar, e uma exposição de escultura inédita de Ivone Dias Gaipi, subordinada ao tema "Os Caminhos do Combatente", inspirada pelos poemas do livro "Caminhos...dos Valores, da Guerra e da Paz", do TGen Joaquim Chito Rodrigues.



### A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo.

### Eventos no Forte



O Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, tem sido escolhido para a realização de vários eventos, nomeadamente de confraternização de grupos sociais e empresariais e outros de cariz mais privado, como foi o caso dos noivos que escolheram o Forte do Bom Sucesso para celebrarem o seu casamento neste espaço nobre, junto à Torre de Belém.

Novas exposições permanentes: sobre a evolução das Comunicações, dando ênfase à Imprensa e à recuperação de material da Antiga e reconhecida Tipografia da Liga dos Combatentes, bem como às Transmissões do Exército, no ano do seu 50.º Aniversário, dando-se relevo ao rádio ANGRC 9 e a duas peças muito significativas para os combatentes que aumentaram o acervo do Museu, o helicóptero Alouette III, referência para um milhão de homens e o torpedo Whitehead 35 (MM.08317) com ogiva de combate.



Na nova sala AUGUSTO DE CASTILHO a exposição permanente "UM HOMEM E DOIS NAVIOS" - uma homenagem à Marinha em três vertentes históricas diferentes. Um bellissimo trabalho de modelismo com materiais reciclados do Engº Vítor Cardoso".



### História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos em escala, desde o dos irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas.



Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

Das 10H00 às 18H00  
Contacto: 912 899 729

Bilhetes:  
4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos) grátis (sócios da Liga dos Combatentes e combatentes portadores do Cartão do Combatente)

## Lançamento do Livro "Goa, a Índia e Portugal"

Palácio da Independência  
250º. Sessão – Lisboa

Lançamento do Livro "Goa, a Índia e Portugal", dos Professores Doutores Manuel Vieira Pinto, Embaixador Francisco Henriques da Silva e Professor Doutor Valentino Viegas.

Após a Abertura da Sessão pelo Major-General Vieira Borges, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar seguiram-se as intervenções do Editor da Âncora Editora, Dr. Baptista Lopes, do Moderador da Sessão Coronel Ataíde Montez e a apresentação da obra pelos autores.

Encerrou a Sessão o Presidente da Sociedade Histórica da Independência de Portugal Dr. Ribeiro e Castro que presidiu à mesma e que contou com 25 presenças.



Na mesa: MGen Vieira Borges - Presidente da CPHM, Dr. Ribeiro e Castro - Presidente da SHIP e Cor Ataíde Montez - Coordenador do Programa. Assistência: TGen Sousa Pinto, Embaixador Rosas Lã, autores Prof. Dr. Valentino Viegas e Embaixador Henriques da Silva.



**A Artilharia sempre a postos, 1962** - A força da Artilharia numa guerra deste tipo pouco impacto produziu, pois era raro ter alvos que merecessem a sua utilização. Como tal, apenas apresentam duas bocas-de-fogo nesta operação em África, o que está bem definido pela presença do elefante que, coitado, se enganou no caminho ou exagerou na curiosidade. A Arma de Artilharia foi também utilizada, mas como a Cavalaria, fora das suas missões, formando batalhões iguais aos da Infantaria, espalhados pela quadrícula do terreno. In *Desenhos Humorísticos Militares* - Cor. Vicente da Silva

Palavras e Silêncios - Memórias femininas da presença militar no Ultramar



15,00 €

**Autores:** Ana Maria Taveira  
 Maria Armanda Taveira  
 Maria de Fátima Pina  
 Âncora Editora - 1.ª Edição - novembro de 2020  
 Coleção «Fim do Império» 296 páginas

«Uma iniciativa encabeçada por três mulheres, duas antigas alunas de Odívetas e uma das testemunhas tendo conhecido minha Mãe, que, aliás, fora aluna desse tantas vezes injustiçado Instituto, mereceria sempre uma breve nota, afetuosa e grata.

É obra reunir trinta e duas mulheres de militares portugueses que serviram na Índia, em África, em Macau e em Timor, e pedir-lhes testemunhos de vida desses anos, a vários títulos inesquecíveis.

Este livro fala-nos ainda e muitíssimo da mulher, do seu papel, da sua luta pela afirmação, pelo reconhecimento, numa vida, numa guerra, numa saga de fim de Império, que eram suas e não somente dos homens. Reconhecimento redobrado.

O reconhecimento do cidadão e do português. Mas, por igual, o reconhecimento do Presidente da República Portuguesa, orgulhoso das compatriotas, das mulheres dos nossos heróis anónimos, elas que foram, à sua maneira, heroínas de uma História que quase só os homens escreveram por elas. Todos eles e todas elas honraram Portugal.»

Marcelo Rebelo de Sousa  
 Presidente da República  
 in Prefácio



Submeter pedidos para: [património@ligacombatentes.org.pt](mailto:património@ligacombatentes.org.pt)

OFERTA EXCLUSIVA ASSINANTES O COMBATENTE - TV LED 32"

ELEVADORES DE ESCADAS

Praticamente eliminam o risco de quedas nas escadas!

- ~ Elétricos e de baixo consumo.
- ~ Fáceis de operar.
- ~ Sempre ativos, mesmo em caso de falha energética
- ~ Sem obras, instalado diretamente nos degraus
- ~ Rebatíveis, não obstruem a passagem



Baseado numa instalação em condições ideais.

SOLUÇÕES DE BANHO

Stannah Aqualuxe  
 Cabine de duche

As Soluções de Banho Stannah são a ajuda perfeita para que seniores, pessoas com mobilidade reduzida ou portadores de deficiência possam vencer o medo e as dificuldades de entrar e sair da banheira.

- ~ Cómicas para entrar
- ~ Seguras na utilização
- ~ Vidros fáceis de limpar
- ~ Serviço rápido sem confusões em sua casa
- ~ Espaçosas no interior



Baseado numa instalação em condições ideais.

SCOOTERS DE MOBILIDADE

Stannah Maxi

Agradável à primeira vista com o seu moderno e sofisticado design, destaca-se pelo excelente desempenho e autonomia. A suspensão total, rodas pneumáticas e encosto ajustável asseguram o conforto e, graças à longa autonomia, a Stannah Maxi é a companhia ideal para quem valoriza um estilo de vida independente.

- ~ Suspensão dianteira e traseira central
- ~ Velocidade até 15km/h
- ~ Capacidade de 40km de autonomia



3EQ7OCO10321

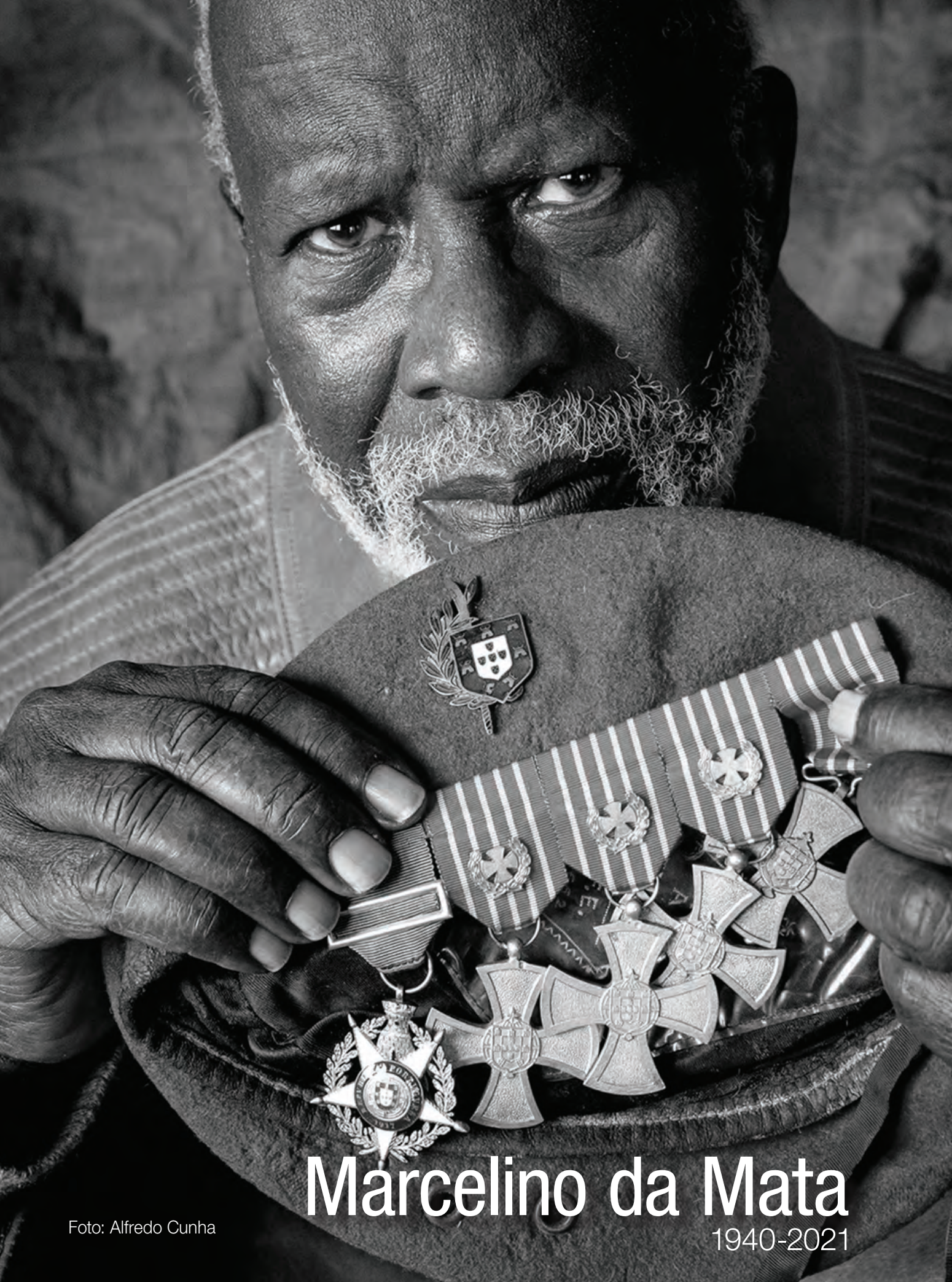
**OFERTA EXCLUSIVA PARA SI**

**TV LED HD**

Uma magnífica televisão Led HD, de 32" polegadas.

Ligue e fale connosco:  
**808 918 388**  
 Custo de chamada local

A campanha apresentada nesta comunicação têm validade de um mês a partir da sua publicação. Não é acumulável com outros descontos ou campanhas em vigor. Campanha sem efeitos retroativos. Válida para compras a pronto-pagamento. Imagens meramente ilustrativas. Oferta limitada ao stock existente.



# Marcelino da Mata

1940-2021

Foto: Alfredo Cunha